

FAAC- FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

**PÁGINAS DA COPA: O MUNDIAL DO BRASIL NA *FOLHA DE S. PAULO* E
*O ESTADO DE S. PAULO***

BAURU

2013

FAAC- FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

**PÁGINAS DA COPA: O MUNDIAL DO BRASIL NA *FOLHA DE S. PAULO* E
*ESTADO DE S. PAULO***

Projeto experimental desenvolvido por Luis Paulo Isnard Jarussi, sob a orientação do Professor José Carlos Marques e apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC, atendendo à Resolução 002/84, como requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

BAURU

2013

ORIENTAÇÃO

Prof. Dr. José Carlos Marques

Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

José Carlos Marques

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Fabio Negrão Figueira Pinto

Bacharel em Comunicação Visual pela Fundação Educacional de Bauru. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação.

Fabio Negrão Figueira Pinto

Prof^a. Ms. Mayra Fernanda Ferreira

Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação. Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação.

Mayra Fernanda Ferreira

A todos que sempre me apoiaram e fizeram desta oportunidade uma realização pessoal e profissional. A força e sabedoria de vocês foi a motivação necessária para construir um sonho. Muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos são à Luciana, Newton, Tito e Gustavo. Vocês são os pilares de todo o meu conhecimento, respeito, educação e responsabilidade. Sem tudo o que aprendi com vocês eu jamais teria sido uma pequena fração do que sou hoje. Meus eternos agradecimentos por fazerem parte da minha Família e eternos agradecimentos a Deus que fez com que fossem vocês os escolhidos para me guiar na vida.

Aos familiares das famílias Isnard e Jarussi, muito obrigado por todos os momentos que vivemos e viveremos juntos. Aos meus avós Nélia, Ricardo e Jacy, saibam que crescer ao lado de vocês foi um privilégio em todos os sentidos. O carinho dos avós é o maior conforto que um neto pode querer. Um abraço especial a Ernani Jarussi e Jair Lüdke que infelizmente não dispuseram de tempo na caminhada da vida para me acompanhar nesta etapa, mas tenho certeza que a presença de vocês é sentida diariamente.

Aos amigos, um abraço especial para aqueles que dividiram o teto comigo nas Repúblicas Sassanid e Maciota. A oportunidade de morar com Tiago, Fábio, Ramon, Gustavo, Bruno, Roberto, Marcelo, Renato, Natália, os dois Ricardos, Raquel, Peron, Felipe e Arthur jamais seria trocada por nada e por ninguém. Aqueles com os quais não tive o privilégio de morar junto também merecem citação. Bruno, Guilherme e Vinícius, muito obrigado pela companhia nos mais diversos papéis que fizemos. Das tardes no apartamento 54 às festas da Risca Faca nas quais, entre um devaneio e outro, tivemos momentos inesquecíveis. Tantos outros merecem menção, infelizmente o papel é escasso para tantos agradecimentos e pessoas, mas tenho certeza que os amigos sabem o quanto sou grato.

Aos integrantes das bandas Maciota, BonsRock e The Almighty Devildogs: Deller, Fernando, Dur, Harry, Bernal, Fin, Timão, Oitenta, Bóvis, Pixe, Nardi e Beethoven. A música foi em muitos momentos o combustível que movimentou noites sensacionais de muito barulho, suor e bolhas nas mãos. Tocar bateria ao lado de vocês é um prazer absoluto que pretendo repetir quantas vezes for possível. Se o sucesso não nos alcançar, pelo menos a amizade já está entre nós. Muito Rock n' Roll para todos nós!

Gostaria de agradecer à todas as oportunidades profissionais e acadêmicas que tive. Aos projetos de extensão da FAAC, TV Unesp, Rádio 94 FM e SINDECTEB, muito obrigado pela experiência profissional que me foi oferecida. À equipe do Sindicato dos Empregados do Correios, um agradecimento especial pela disponibilização de tempo extra para que este projeto se construísse e pelo primeiro emprego, algo inesquecível na vida de um jovem jornalista (ou assessor de imprensa).

Por fim, agradeço àquela que recebeu o primeiro agradecimento. À minha Mãe Luciana, muito obrigado por ser a minha tutora, financiadora, médica, conselheira, apoiadora, enfim, tudo. Você é tudo. Sempre será meu tudo e tudo que tenho e terei devo a você. Com as mais sinceras e verdadeiras palavras. Amo você! Parabéns por ser esta mulher forte e impressionante. Amo você! Obrigado por tudo.

“AND IN THE END. THE LOVE YOU TAKE IS EQUAL TO THE LOVE YOU MAKE”

THE BEATLES

SUMÁRIO:

Resumo.....	8
1.Introdução.....	9
1.1 FIFA.....	10
1.2 A CBF.....	10
1.3 A Copa do Mundo de 2014.....	11
1.4 Futebol, mídia e política.....	12
2.Objetivos.....	14
3.Metodologia.....	15
4. Resultados Esperados.....	16
5. Revisão da Literatura.....	16
5.1 Teorias do Jornalismo.....	16
5.2 Análise de Enquadramento.....	23
5.3 Jornalismo Comparado.....	25
5.4 Bastidores do Esporte.....	26
5.5 O Racismo.....	28
5.6 Esporte e Política.....	31
5.7 Esporte e Mídia.....	37
6. Resultados.....	40
6.1 Números.....	41
6.2 Retrospectiva.....	52
6.3 Arena Corinthians nas páginas dos jornais.....	59
7. Considerações finais.....	64
8. Referências Bibliográficas.....	68
9. Gráficos.....	72

RESUMO

O futebol nos dias de hoje representa algo muito maior do que um exercício físico ou uma atividade de descontração. Ele desempenha um papel dentro da sociedade que extrapola as perspectivas do jogo. Reduzir a análise sobre o futebol profissional apenas ao aspecto lúdico do esporte também diminui a concepção sobre o que ele realmente representa. Nos bastidores do espetáculo futebolístico existe um universo de atos políticos que abrangem diversas esferas do poder que por sua vez auxiliam na execução do esporte como um evento esportivo com milhões de espectadores. Uma das razões para que o âmbito político do esporte seja menos conhecido do que as táticas dos técnicos ou dribles dos jogadores é a cobertura feita pelos meios de comunicação. No decorrer de sua existência, o futebol se transformou em um evento globalizado que envolve em sua órbita muito mais do que apenas o aspecto esportivo. Com os anos, o esporte foi se firmando em diversos países como produto cultural e até mesmo ferramenta política. O que se vê contudo é a sobreposição midiática do jogo sobre a sua verdadeira estrutura. O entretenimento trazido pelo esporte ganha as páginas enquanto o jogo político que sustenta a realização do mesmo recebe uma atenção mais discreta das mídias. A proposta deste trabalho é analisar como foi feita a divulgação de notícias referentes à Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil, nos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* durante o ano de 2012 através dos seus cadernos de esportes. O objetivo é compreender qual é o teor e a intensidade da cobertura sobre os fatos políticos que ajudam a dar forma ao evento mais importante do futebol. Acontecimentos desta proporção exigem preparação do país, o que implica em um trabalho em conjunto entre o Governo Federal e FIFA. Pretende-se analisar a contextualização feita pelos jornais em relação ao esporte ao seu aspecto esportivo, podendo assim distinguir a posição de cada veículo perante a administração política do futebol. Após a coleta dos resultados estaremos diante de uma análise de como é feita a cobertura dos jornais paulistas, quais os destaques e qual é a incidência de assuntos administrativos da Copa do Mundo em comparação com reportagens sobre outros temas.

Palavras-Chave: esporte; política; Copa do Mundo; futebol.

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2007 foi de extrema importância para o Brasil. Nesta data, a população acompanhou a escolha do país como sede de um dos eventos mais importantes do cenário esportivo mundial. O país do futebol recebeu pela segunda vez a honra, e o dever, de ser a sede da Copa do Mundo da FIFA. Em 2014, doze capitais brasileiras receberão seleções de todo o mundo na vigésima edição do torneio.

Desde o dia 31 de Outubro de 2007, data em que o Brasil foi escolhido como o anfitrião do evento, o Governo Brasileiro e a FIFA firmaram parceria para organizar a Copa. As condições mínimas necessárias para realizar o torneio são medidas implementadas pela Federação para que sejam atendidos níveis de qualidade que satisfaçam tanto à esfera esportiva quanto aos espectadores, patrocinadores e à mídia. Ao longo do tempo a Copa do Mundo ganhou reconhecimento e se tornou objeto de desejo dos maiores atletas do futebol. A prática profissional do esporte atingiu patamares que o coloca entre um dos negócios mais lucrativos do planeta. O jogo de duas equipes envolve sentimentos e aspectos sociais que abrangem também aqueles que apenas observam. Os torcedores são a motivação e a razão da existência do futebol como um espetáculo. Como afirma Roberto DaMatta (1982) em sua análise “Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro”, compreender o futebol aumenta as possibilidades de se interpretar melhor a sociedade brasileira. A paixão que beira o fanatismo e o apelo à fé por uma conquista esportiva são apenas alguns dos costumes de torcedores espalhados pelos clubes do Brasil. Diante dessa importância, que ocorre não só aqui, mas em diversos países, o futebol foi se afastando de seu berço lúdico conforme se aproximava do espetáculo.

De um jogo por natureza em um espetáculo de equipes, espectadores e mídia, a evolução do futebol acompanhou o desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação. A invenção da televisão revolucionou a abrangência do futebol que rompeu a barreira física do estádio e se colocava dentro de cada aparelho, disseminando sua influência enquanto craques desfilavam na tela. Aos poucos, o futebol se consolidou como influência e paixão enquanto trazia cifras lucrativas a dirigentes, jogadores e imprensa. Estabeleceram-se direitos de imagem, patrocínios e outros aspectos que deixaram o esporte com ares de *business* e que fizeram dele um assunto político. Da CBF ao Ministério dos Esportes, existem órgãos que regulam e regem a execução do

futebol profissional. Vamos a uma breve explicação sobre os protagonistas do futebol no Brasil.

1.1 FIFA

A *Fédération Internationale de Football Association* é a entidade responsável pelo controle do futebol profissional no mundo. Além do tradicional futebol de grama, disputado em equipes com onze jogadores, o futebol de salão e o futebol de areia também são regulamentados e administrados pela FIFA. A entidade foi fundada em Paris em 1904 e sua atuação abrange mais países que a Organização das Nações Unidas e o Comitê Olímpico Internacional. Em números absolutos, a FIFA conta com 208 países ou territórios associados enquanto a ONU conta com 193 e o COI com 205 membros. Em seu estatuto, a FIFA deixa sua missão bem clara: definir regras, elaborar campeonatos e melhorar e promover o futebol em todo o planeta. Sediada na Suíça, o atual presidente do órgão é Joseph Blatter. Com a evolução do esporte, a Federação foi ganhando destaque e poder. Conforme Copas do Mundo foram sendo realizadas, o interesse dos países se mostrou crescente e hoje em dia o comitê da entidade contém representantes dos cinco continentes.

Apesar de toda a pompa de ser a responsável pelo esporte mais praticado no planeta, casos de corrupção e gestões duvidosas já assombraram a entidade, que tenta escapar de tal julgamento com o mesmo fulgor que a motiva a realizar os lucrativos torneios de seleções. Vêm da FIFA as exigências para a realização dos torneios internacionais. Ela seleciona a sede através de votação após a apresentação dos candidatos e regula o desenvolvimento das obras e melhorias necessárias para a execução dos eventos. Desde 1930 a FIFA organiza a Copa do Mundo de Futebol Masculino, seu maior evento.

1.2 A CBF

A Confederação Brasileira de Futebol foi fundada em 1914 sob a alcunha de CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e era responsável pela organização de todas as práticas esportivas no Brasil. Em 1979 houve a separação que deu origem à entidade que controla apenas o futebol, rebatizada de Confederação Brasileira de Futebol. É de responsabilidade da CBF realizar o mesmo trabalho que a FIFA, sendo

diferenciado pela sua atuação, que se restringe ao território nacional. A Confederação regulamenta os torneios nacionais e tem como parceiro nessa tarefa as confederações estaduais. Em seu site a CBF divulga números que demonstram o tamanho de sua tarefa. Atualmente o Brasil conta com mais de dois milhões de jogadores profissionais espalhados por 30 mil clubes.

Com a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, foi delegada à CBF, juntamente com o Governo Federal e a FIFA, a organização do evento. Tal organização vai além do jogo e abrange também obras de infraestrutura, mobilidade e reformas ou construção de centros esportivos.

1.3 A COPA DO MUNDO DE 2014

A vigésima edição da Copa do Mundo será sediada no Brasil. O país foi escolhido como sede em 31 de Outubro de 2007 após candidatura única. Firmado o compromisso com a FIFA, foi dado o início ao período de inspeção por parte da entidade. Para realizar o evento, vários requisitos devem ser cumpridos pelo país sede. A Federação não exige apenas um campo e uma bola. Grandes eventos exigem mobilizações proporcionais. Obras de infraestrutura nos setores de transporte, hotelaria e nas instalações esportivas foram alguns dos pedidos. Doze cidades foram escolhidas e avaliadas para saber qual a proporção das mudanças a serem feitas, tomando ciência de que tais construções farão parte de modificações permanentes nas cidades.

Estas estruturas planejadas e construídas para a Copa devem ser parte de um planejamento vislumbrando a futura utilização das mesmas. Todas estas infraestruturas construídas em virtude de um evento podem ser denominadas legados (Preuss, 2008). Os legados seriam, em outras palavras, a herança que fica depois de um grande evento pontual (que ocorre em um curto espaço de tempo), como o Caso da Copa do Mundo de futebol, os Jogos Olímpicos, Jogos Pan-Americanos, dentre outros. (SEIXAS, 2010, p. 3)

Tendo em vista tamanha responsabilidade, torna-se imprescindível a participação do Governo Federal juntamente com as entidades que gerem o futebol. Com a política envolvida fica clara a união entre dois universos aparentemente tão distintos, não apenas fica claro como a importância desta união toma contorno, fazendo com que a mídia tenha, em seu dever de informar o cidadão, urgência em informar sobre os acontecimentos nos bastidores do esporte. Gastos públicos, editais e tantos

outros dados devem ser oferecidos à população. Esta medida não deveria ser tomada apenas com a Copa do Mundo, mas sim com quaisquer assuntos que envolvam os gastos públicos. Nesta análise focaremos no evento principalmente por se tratar de um acontecimento que requer montantes estratosféricos de dinheiro, seja ele público ou privado.

1.4 FUTEBOL, MÍDIA E POLÍTICA

A prática do futebol, assim como a de outros esportes, tem funções distintas na sociedade. A primeira função é a de instrumento de benefício social. Através de seu caráter lúdico, o esporte auxilia no relaxamento das tensões diárias ao mesmo tempo em que traz benefícios fisiológicos altamente recomendados por especialistas em saúde, como afirma Go Tani (2001, p. 101): “é necessário sensibilizá-los (a população) para os valores intrínsecos da prática esportiva, mediante o reconhecimento das suas implicações para o bem estar e qualidade de vida.”. Nas escolas, o esporte é utilizado como forma de educação, como afirma Nunes (1985, p.69): “a inclusão da educação física é obrigatória nas escolas (...), num contexto que visa a aparentemente desenvolver as potencialidades das crianças”.

A segunda função do futebol é a de ferramenta do entretenimento. O aspecto lúdico, quando abordado pela mídia e executado de forma profissional se torna um atrativo cultural que caiu no gosto de grande parte da população brasileira. O futebol foi elevado ao título de esporte nacional e ganhou os holofotes graças às gerações de excelentes jogadores que encantaram com a sua habilidade. Ao mesmo tempo em que se desenvolvia o esporte com excelência, a mídia foi se utilizando cada vez mais deste assunto para o entretenimento de seus consumidores.

Esta análise parcial de tais aspectos da sociedade brasileira faz com que salte aos olhos a importância do futebol neste país. Vem da infância o primeiro contato com a bola, a escolha do time e a prática do esporte. Vai crescendo dentro de cada um a paixão pelo esporte na sua forma mais simples, que é a execução do jogo em si. Contudo, a organização do futebol ultrapassa os campos. A política e seus protagonistas há anos têm conhecimento sobre o poder exercido pelo futebol sobre a população. Esse conhecimento alinhado com a divulgação seletiva dos fatos torna-se uma poderosa ferramenta de controle social. Desaparecem os fatos políticos cruciais e se destaca os gols da rodada. A utilização do esporte como “ópio do povo”, conforme sugere Roberto

DaMatta acarreta uma dificuldade na concepção dos bastidores políticos. “Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos” (DAMATTA, 1982, p. 22). Um pão e circo moderno que conta com apoio midiático pode levar à completa ignorância sobre os fatos que regem o esporte no Brasil. O oferecimento do esporte como forma de entretenimento se mostrou uma eficiente “válvula de escape” das tensões do cotidiano do trabalhador, como afirma Roberto Ramos (1984, p. 67): “As vitórias e conquistas de campeonatos servem para esconder a injustiça social. Para o torcedor, representa uma façanha verdadeira”.

Ao focar nos esportes, a sociedade utiliza seu tempo para outro foco que não seja as reivindicações necessárias. A forma como o esporte é focado na mídia é benéfico para os governos e para a própria imprensa, que encontrou uma forma de preencher sua programação com algo tão lucrativo. Emissoras de rádio, jornais e televisões noticiam o esporte, mas há o foco sobre os fatores importantes e que realmente afetam a população? Alguns estudos envolvendo a interação do esporte na política revelam a posição marxista de alguns autores, que consideram o esporte como uma ferramenta do capital para controle da sociedade. Entretanto essa posição não é unânime, sendo que para autores como Roberto DaMatta, o esporte é uma forma de expressão social e não uma ferramenta de controle.

Envolvendo-se nesta questão com opiniões tão divergentes percebe-se a pertinência em abordar tal tema. A análise das perspectivas esportiva auxilia a entender como funciona a divulgação de conteúdo não só para o esporte mas também para outras esferas. A escolha de uma sede para uma Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos é um momento de maior união entre a política e o esporte. No Brasil, esses dois fatos se tornaram temas recorrentes da mídia após o anúncio do país como sede das duas competições, a Copa em 2014 e as Olimpíadas em 2016.

A proposta deste estudo é realizar uma análise da cobertura dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* em relação aos fatos divulgados sobre a Copa do Mundo de 2014 durante todo o ano de 2012. O objeto de estudo será o caderno de esportes de ambas as publicações e a análise será dividida em três partes. Em primeiro lugar uma análise quantitativa das reportagens sobre o assunto. Em um segundo momento será realizada outra análise quantitativa, mas desta vez referente à quantidade de matérias relacionadas com as obras mais espetaculares da Copa, que são os estádios de futebol e esta pesquisa finda com uma análise do enquadramento das matérias que têm como tema o Itaquerao (Arena Corinthians), o estádio que está sendo construído em São Paulo

para abrigar a abertura da Copa e tantos outros jogos. Partiremos da hipótese de que a *Folha de S.Paulo* é um veículo que valoriza mais o aspecto político do esporte do que seu concorrente. Tal hipótese se fortalece mediante as informações oferecidas pelos veículos sobre o tratamento dado ao esporte em suas páginas. Em seu *site* oficial na internet, a *Folha* descreve dentre as funções do caderno de esportes a informação sobre assuntos relacionados à política, marketing e legislação, abordando o esporte de forma diferenciada, tratando-o como “espetáculo e fenômeno empresarial”. O *Estado*, por sua vez, não disponibiliza informações sobre o objetivo de seu caderno esportivo.

O foco dado no elo entre esporte e política, assim como a forma de enquadramento destas informações, serão os resultados deste estudo. A análise possibilita deduzir qual veículo enxerga o esporte através de uma lente mais politizada e qual melhor informa seu leitor sobre os bastidores da política esportiva, afinal, não é só de felicidades e belas jogadas que se sustenta o futebol profissional no Brasil.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL: Analisar como os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S.Paulo* enfocam o esporte em suas produções jornalísticas quando o assunto em discussão é a relação entre política e esporte dentro da organização da Copa do Mundo de 2014. O corpus da pesquisa será os cadernos de esportes das duas publicações entre o período de 1º de Janeiro de 2012 e 31 de dezembro de 2012. Partindo deste objetivo primário, chegamos a quatro outras metas.

2.2 ESPECÍFICOS:

- a. Analisar qual veículo oferece ao leitor mais conteúdo sobre a Copa do Mundo.
- b. Analisar qual a quantidade de matérias dos jornais se referem às grandiosas obras dos estádios que receberão a Copa.
- c. Distinguir dentro da produção jornalística analisada, a forma como cada um dos jornais aborda a questão do esporte, descobrindo assim, a posição tomada por essas empresas midiáticas em relação à realidade esportiva do país.

- d. Através da análise do enquadramento, identificar como o leitor paulista é informado sobre a construção da Arena Corinthians em São Paulo. Pretende-se analisar se há uma visão despolitizada do esporte ou se há o comprometimento em informar sobre ações políticas tomadas no âmbito esportivo.

O status alcançado pelo futebol na sociedade brasileira faz com que seja impossível restringir sua importância ao jogo. Enxergar somente o aspecto lúdico é fechar os olhos para a realidade muito mais profunda deste universo. Não é difícil se deparar com o esporte influenciando e sendo muitas vezes tema central de campanhas publicitárias de grandes empresas. O jogador e o clube se tornaram uma marca, que deve ser exposta na mídia. O veículo midiático que não crê no esporte e o mantém fora das pautas de suas produções se expõe ao risco de perder uma fatia substancial de espectadores.

Mediante a força que o esporte possui na sociedade e nos meios de comunicação, não é de se espantar que essa importância fosse utilizada como ferramenta de ações políticas e, nesse contexto, uma análise de como o esporte é inserido como instrumento político e social para ações de interesses de um grupo se torna pertinente, principalmente pelo fato de que o Brasil atualmente é o centro das atenções do mundo esportivo pois será país-sede tanto da Copa do Mundo de Futebol de 2014 quanto dos Jogos Olímpicos de 2016. Como há uma impossibilidade de excluir as ações políticas dos eventos esportivos de grande porte, chega-se a um consenso de que esporte e política são distintos, porém formam uma mistura homogênea. A análise da cobertura jornalística tem por objetivo explorar como a mídia veicula tal parceria de interesses e de que forma isso contribui para a formação de opinião do público sobre o esporte no território brasileiro.

3. METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa consiste na coleta de dados para posterior avaliação dos critérios utilizados na produção de notícias dos jornais. Primeiramente, uma análise quantitativa será realizada. É preciso saber qual é o montante de reportagens veiculadas em um dia para se obter uma noção de qual é o tamanho da importância dada ao aspecto político em relação às tradicionais notícias esportivas com

foco no jogo em si. Esta análise quantitativa vai servir para a comparação das coberturas dos dois jornais em relação aos estádios.

A terceira parte consiste na utilização de métodos de análise de enquadramento para distinguir as diferenças no conteúdo das notícias divulgadas pelas duas publicações tendo como tema a construção da Arena Corinthians, o estádio paulista que irá receber a Copa do Mundo. Desta forma, pretende-se distinguir as posições editoriais tomadas pelos veículos midiáticos analisados. Para auxiliar a pesquisa, uma análise bibliográfica será feita, tendo como objeto de leitura, livros sobre teorias do jornalismo, enquadramento, jornalismo comparado e relações entre esporte e política.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Por meio da análise a ser realizada, pretendemos verificar qual jornal, dentre os escolhidos para a pesquisa, oferece ao seu público alvo uma gama maior de informações sobre a política do esporte. Desta forma tornar-se-á possível concluir qual dos veículos dispensa mais dedicação aos bastidores do esporte, compreendendo o papel social que este empenha em nosso país.

5. REVISÃO DA LITERATURA

5.1 TEORIAS DO JORNALISMO

Iniciemos com as palavras de Nelson Traquina em sua obra Teorias do Jornalismo (2004, p. 21): “Os jornalistas vêem os acontecimentos como ‘estórias’, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas”. Aquilo que se encontra nas páginas de um jornal ou as reportagens gravadas para radiojornais e telejornais são frutos de algum acontecimento que em algum momento formam um elo com o passado. No caso estudado, podemos compreender que a divulgação de notícias relacionadas à política esportiva é feita, pois em algum momento este assunto teve ligação com fatos semelhantes do passado. Um exemplo claro: não noticiaríamos fatos ligados à corrupção esportiva se em algum momento esta história não tivesse relação com a corrupção que encontramos em outras esferas de poder. A construção da notícia, do fato jornalístico, é baseada em critérios de noticiabilidade, que são definidos por

Silva (2005, p. 96) como “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia”.

A análise do conteúdo das notícias em muitos casos prova que esta teoria não é respeitada. Existe a tendência de se criar as notícias de acordo com os interesses, seguindo a fórmula de produção jornalística. Em seu artigo “Política Mediada, democracia e elites”, Danilo Rothberg relata um exemplo de desrespeito à teoria de Silva. O texto diz que a política é muitas vezes enfocada de forma pitoresca ou desmerecida pelos veículos midiáticos para torná-la um produto mais vendável.

Conforme discute este texto, um poder tanto maior exercido pelos meios de comunicação toma forma a partir do momento em que eles, a despeito da sua enorme capacidade de lograr intencionalmente o público, representam, em um processo automático e naturalizado, a realidade dos processos políticos com elementos estranhos à política, de forma a expropriá-la de suas características intrínsecas e torná-la um produto atraente e de consumo rápido. (ROTHBERG, 2005, p.16)

Este trecho apresenta o contraponto do que discute Silva ao dizer que critérios de noticiabilidade são os fatores capazes de agir na produção da notícia. Em muitos casos, a produção da notícia é que escolhe seus fatores dentre inúmeros dados e fontes apresentadas. Gislene Silva elenca protagonistas que atuam na construção da notícia:

Tal entendimento nos leva a estabelecer instâncias ou conjuntos diferenciados de critérios de noticiabilidade: (a) na origem dos fatos (seleção primária dos fatos/ valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa; (b) no tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infra-estrutura, tecnologia etc, como também fatores extra-organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos; (c) na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores. Esses conjuntos, com certeza, não funcionam de modo isolado. Na prática da produção noticiosa, todos esses critérios variados de noticiabilidade atuam concomitantemente. (SILVA, 2009. p. 96)

O trecho expõe os critérios e apresenta a subjetividade dos critérios de noticiabilidade, que podem ser alterados de acordo com fatores que vão da ética e competência do profissional até a “necessidade” dos fatos entrarem em concordância com as orientações políticas do veículo de comunicação. Os fatos atuam simultaneamente, mas os valores a eles atribuídos são cambiáveis, e isto faz com que a construção da notícia não seja apenas um relato objetivo dos fatos, mas sim um texto em concordância política, profissional e ideológica. Como afirma Pierre Bourdieu (1997), os jornalistas se munem de uma estrutura invisível semelhante a um óculos através dos quais enxergam com olhar seletivo que transforma o jornalismo em um fragmento seletivo de realidade.

Para a criação da notícia, Sousa (2002, p. 10) destaca a interação de cinco forças “ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural e ação tecnológica, todas elas modeladas por uma sexta força: a história”. Dentro desses critérios distinguem-se aqueles são impostos pelos veículos midiáticos através de sua influência sobre repórteres e público e os que são fruto da formação do jornalista. As ações pessoais descritas por Sousa encontram-se aplicadas na teoria do *Gatekeeper*. Como afirma Traquina as ações pessoais e escolhas do jornalismo são fundamentais para o critério de noticiabilidade. É o jornalista o fator de triagem da informação.

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. (TRAQUINA 2004, p.150)

Ainda sobre a teoria do *Gatekeeper*, Traquina (2004, p. 150) completa: “o processo de seleção é subjetivo e arbitrário; as decisões dos jornalistas eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no 'conjunto de experiências atitudes e expectativas do *gatekeeper*’”. David Manning White foi um estudioso americano das comunicações e um dos destaques no estudo dos critérios de noticiabilidade. Em sua obra White ainda completa dizendo que o jornalista é socializado na política editorial da empresa em que trabalha através de um sistema de “recompensa e punição”. De acordo com estudioso, além deste fator de obediência, a escolha pessoal de cada um influi diretamente na construção do produto midiático.

É somente quando analisamos as razões apresentadas por “Mr.Gate” (...) que começamos a compreender como a

comunicação de “notícias” é extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do Gatekeeper (TRAQUINA IBID WHITE 1950/1953, p.150)

Pode-se perceber a influência de tal posição nas palavras de Barbeiro e Rangel (2006, p. 26) “Cada jornalista faz um recorte diferente da realidade. Por isso, o mesmo fato tem diferentes versões.”. O *gatekeeper* encontra críticos de sua utilização, como Nilson Lage.

A divisão de trabalho nas redações centralizou o *gatekeeping*- decisão sobre o que vai ou não ser publicado- em editores que se orientam ora por leis de mercado, ora por conveniências que traduzem o jogo dos grupos de pressão ou entidades abstratas como o *interesse nacional*. Os repórteres apuram e processam as informações segundo procedimentos padronizados, sem muita inteligência ou até consciência desse processo (LAGE, 1993, p.15)

A relutância em aceitar o gatekeeping é fruto da reflexão sobre o que realmente deve guiar a construção da notícia. Saber compreender as urgências e necessidades do público alvo é muito mais condizente com o jornalismo do que a escolha pessoal apresentada pela teoria. A ação social, por sua vez discorre sobre a importância da sociedade na produção do que é notícia.

Podemos, intuitivamente, dizer que, independentemente da vontade dos jornalistas, apenas uma pequena parcela de todo o tipo de fatos se converte em notícia, até porque grande parte deles não são promovidos ou representam situações perspectivadas como “normais” numa sociedade. (SOUSA, 2002, p. 45)

A imprensa deve ser um objeto de reforma social que enxerga o que acontece na sociedade e a transmite em seu espaço. Ela deve servir aos interesses sociais e não individuais de jornalistas e empresas. Como afirma Bourdieu (1997), o polo político (de análise da situação política de uma sociedade) perde espaço no jornalismo para o polo comercial e literário. Partindo desse princípio percebe-se que juntamente com o repórter e com a empresa midiática, a sociedade determina fatos noticiáveis. Entretanto, em muitos casos as relações econômicas e a influência, seja ela política ou comercial, se destacam na produção noticiosa.

A relação entre as duas teorias pode ocorrer, gerando desta forma a situação que se aproxima daquela vivida pela imprensa atual, como apresenta Nelson Traquina

(2004, p. 157) “assim, segundo a *teoria organizacional*, as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar dentro da empresa jornalística.”. Deste trecho podemos refletir. Apesar da influência acometida pela interação social dentro da empresa jornalística, é impossível retirar do ser humano as suas impressões pessoais, principalmente em um ambiente nas quais essas impressões podem definir os rumos do trabalho. Se a teoria do *Gatekeeper* corrobora com o fato do jornalista ser fração indispensável nos critérios de noticiabilidade, na teoria organizacional vemos a interação que é fruto de um grupo de jornalistas formando os seus critérios baseados na mescla de suas experiências pessoais com a influência dos polos comerciais e literários e a influência do ambiente da redação. Junta-se a isso a influência social e obtemos algo parecido com a realidade da imprensa no Brasil.

A teoria organizacional apresenta a influência e a “(...) importância dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista (...)” (TRAQUINA, 2004, p.152). Completa Traquina (2004, p. 152): “(...) o jornalista se conforma mais com as normas editoriais da política editorial da organização do que com quaisquer crenças pessoais que ele ou ela tivesse trazido consigo”. Essa teoria exemplifica a predileção de um certo veículo comunicacional por uma posição mediante a certo assunto, desta forma, pode-se atribuir a falta de informações sobre a relação da política com o esporte à escolha da linha editorial do veículo. Tomemos para análise o posicionamento dos veículos a serem analisado nesta pesquisa. Em seu endereço na internet, a *Folha de S.Paulo* destaca a importância de observar aspectos diferenciados do esporte, como a política, o marketing e a legislação, dando uma amostra da posição do veículo sobre o esporte:

O Esporte trata o esporte como espetáculo e fenômeno empresarial. É atualmente um dos cadernos mais lidos da Folha. Aborda o tema de forma diferenciada. Além de acompanhar os principais campeonatos, traz assuntos relacionados a política, marketing, legislação e moda. Foi o primeiro a usar estatísticas, preparadas pelo Datafolha, na análise esportiva. (FOLHA, arquivo digital)

O *Estado de S.Paulo* não reproduz uma opinião relacionada apenas ao seu conteúdo esportivo, mas em seu código de ética menciona como realiza a sua transmissão de informações:

Os produtos do Grupo Estado estão abertos ao debate dos assuntos públicos e, independentemente de suas posições editoriais, defendem o pluralismo e a diversidade de opiniões. Recusam-se, no entanto, a veicular teses que neguem a liberdade, atentem contra a dignidade da pessoa humana ou agridam os princípios da ética informativa definidos neste documento. (ESTADO, *Código de Conduta e Ética*, p. 9)

Deste posicionamento podemos retirar as seguintes conclusões: A teoria organizacional rege também a linha editorial do jornal. Ao mencionar as suas posições editoriais, fica claro a organização da equipe jornalística em torno de uma perspectiva regida pelo comando do jornal. Eugênio Bucci em sua obra “A imprensa e o dever da liberdade” afirma:

Na imprensa, a liberdade encontra de fato uma materialização: ela se traduz no grau de *independência* dos veículos informativos (e de seus operadores) em relação aos interesses organizados, sejam eles econômicos, políticos, religiosos, sindicais, científicos e assim por diante. (BUCCI, 2009, p. 13)

Bucci diz que a imprensa tem o dever de ser livre e sua liberdade é maior conforme se afasta dos interesses políticos e econômicos. *O Estado de S.Paulo* afirma defender o pluralismo independente de sua linha editorial. Ao mesmo tempo afirma que a linha editorial é a visão opinativa do “Grupo” em concordância com o seu “Conselho de Administração”.

Algumas teorias divergem na definição da formação da notícia. Enquanto a Teoria do *Gatekeeper* assume a responsabilidade do jornalista na construção dos fatos, a Teoria do Espelho toma outro caminho. Esta corrente teórica acredita que a captação dos dados deve ser idêntica àquilo que acontece, como um espelho. As informações devem ser o reflexo da realidade apresentando os acontecimentos exatamente como foram. Assim define Traquina (2004, p.146), “é a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim determina”. Na Teoria do Espelho fica implícito que o jornalista é um “comunicado desinteressado”, ou seja, não assume seu

papel de investigador dos acontecimentos. É como se o jornalista se conformasse com as informações aparentes.

Na contramão da Teoria do Espelho, encontra-se a Teoria Construcionista, que disserta sobre como as notícias auxiliam na construção da realidade. Hall (apud TRAQUINA, 2004, p.170) define qual é o posicionamento teórico do Construcionismo dizendo que “a notícia não é um relato mas uma construção”. Nesta corrente teórica se enquadra principalmente o jornalismo investigativo, que refuta substancialmente a Teoria do Espelho. Apesar de ser favorável à participação do jornalista na construção da notícia, a Teoria Construcionista discorda das teorias que defendem as atitudes políticas dos jornalistas como um fator decisivo na criação das notícias. Como afirma Traquina, a Teoria enfrenta resistência, que é compreendida nos princípios da ideologia da profissão.

Nos anos 70 com o advento dos estudos da comunicação na Europa, cria-se uma teoria que se preocupa em estudar os impactos políticos e sociais do jornalismo. Leva-se muito em consideração na Teoria da Ação Política a concepção do Quarto Poder e sua atividade. A imagem feita pelo público do jornalista não raramente coloca o profissional da mídia como um “servidor público” (UNGARO apud TRAQUINA 2004, p. 162) ou um “cão de guarda” (idem) dos interesses sociais. A teoria da ação política mostra que esta imagem do jornalista é equivocada, defendendo que o jornalismo se encontra à serviço da política.

Os *media* noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente certos interesses políticos: na versão da esquerda, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão de direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo. Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc. (TRAQUINA, 2004, p.163).

Levando esta teoria como base da produção jornalística, pode-se concluir que a falta de informações sobre a relação entre esporte e política ocorre devido à escolha do

poder em não divulgar tais informações. Se há escassez de informações sobre os bastidores políticos do esporte isso seria reflexo da atuação do Quarto Poder em coesão com a política. Este tipo de situação se mostra muito presente no esporte, principalmente durante o Regime Militar, tempo em que o espetáculo esportivo serviu de agente publicitário de ações governamentais.

5.2 ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO

Ainda se tratando das teorias englobadas no campo da comunicação social, encontra-se a análise de enquadramento, também conhecida como *framing*. Danilo Rothberg (2007) assim define enquadramento:

Na prática jornalística, um enquadramento (*framing*) é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. (ROTHBERG, 2007, p. 3)

É baseado nos estudos de enquadramento elaborados por Rothberg que serão feitas as análises referentes às notícias sobre a Arena Corinthians. Na seleção, será escolhido o fragmento da notícia que melhor explica, ou resume, os acontecimentos principais do texto. Na ênfase, reservaremos o espaço para o trecho que em está contido as informações mais importantes dos fatos, seja isto algo que mudou o rumo dos acontecimentos ou então aquilo que o jornalista gostaria que tivesse mais destaque. Na exclusão, relataremos aquilo que merecia um enfoque mais elaborado ou apontaremos a retirada de perspectivas ou pontos importantes da informação.

O estudo enquadramento permite entender o foco da notícia. Focando as palavras e expressões utilizadas, as imagens, símbolos ou estereótipos, conseguimos montar um “quadro”, ou seja, a imagem feita pela notícia dos fatos apresentados. Consegue-se tomar conhecimento da posição de um veículo ou do jornalista em relação a um determinado tema, sendo possível também a percepção dos valores notícias utilizados.

A importância da análise do enquadramento reside no fato de que, através de um olhar crítico sobre o texto, é possível mensurar a influência de fatores externos na construção da informação. Podem ser considerados fatos externos as orientações políticas de um determinado veículo comunicacional, a perspicácia do repórter em obter informações que se encontram mais “escondidas” e até mesmo a preferência por fontes e exclusão de opiniões. Tal processo é denominado por Soares (2006, p. 455) como “efeito de enquadramento”, ou seja, o impacto criado pela notícia veiculada de determinada forma de acordo com o enquadramento considerado mais apropriado para a sua veiculação.

As variadas perspectivas retiradas de um mesmo fato comprovam a teoria de que as informações podem seguir caminhos diferentes no que se diz respeito à influência e impacto social de acordo com a forma como os fatos são veiculados. Tal posição é reforçada por Entman (apud ROTHBERG, 2007, p. 3-4): “os enquadramentos introduzem ou aumentam a saliência ou importância aparente de certas ideias, ativando esquemas que encorajam os públicos-alvo a pensar, sentir e decidir de maneira particular”.

Porto (2002) define o estudo do enquadramento em três etapas: Especificações dos níveis de análise do conceito, identificação das principais controvérsias e dos enquadramentos relacionados à elas e por último, a desenvoltura de uma análise sistemática dos conteúdos. Porto (2002, p. 18) ainda reforça o último procedimento dizendo: “É preciso, portanto, desenvolver métodos de análise mais sistemáticos e menos subjetivos”.

Soares (2006, p. 453) classifica as análises em diferentes tipos. O primeiro deles é o Enquadramento de conflito, que se trata da análise mais frequente do *framing*. Soares afirma sua aplicação frequente nas pesquisas como coberturas de campanhas políticas. Segundo o autor, é neste tipo de ocasião que se “reduz o debate complexo à oposição simplista. A ênfase no conflito tem levado os meios a serem responsabilizados pelo cinismo público e a desconfiança dos líderes.”. O Enquadramento de interesse humano por sua vez destaca a perspectiva emocional que envolve os seres humanos e cria uma personalização e dramatização da notícia. Quando a notícia “atribui a responsabilidade por um problema ao governo, a um grupo ou indivíduo” (SOARES, 2006, p. 453) o enquadramento é considerado “enquadramento da responsabilidade”. Por fim, ainda segundo Murilo Soares (2006), existe o Enquadramento das

consequências econômicas, que enfoca um acontecimento em relação aos resultados econômicos obtidos para um grupo, países ou indivíduos.

5.3 JORNALISMO COMPARADO

O jornalismo comparado é um segmento de estudo de comunicação que coloca frente a frente diferentes tipos de veículos comunicações para se analisar as diferenças de cobertura sobre um certo assunto e produzir um comparativo entre os meios. O estudo da comparação propicia uma visão sobre as diversas formas de construção do jornalismo (e também de sua prática). A análise fomenta o debate em torno da produção jornalística e as alternativas encontradas pela mídia para divulgar os fatos.

Os estudos de comparação podem ser feitos em âmbito mundial (comparação entre mídias de países distintos) ou então local, como é o caso desta pesquisa. A análise dos conteúdos permite realizar a comparação e distinção entre os fatores presentes nas informações repassadas aos leitores pelos jornais selecionados. Um dos estudiosos mais intensos do jornalismo comparado é José Marques de Melo. Em sua obra *Estudos de Jornalismo Comparado* (1972), o autor cita o estudioso francês Jacques Kaiser, precursor dos estudos do jornalismo comparado.

Dentre os métodos de pesquisa que assim foram recentemente adotados, a dissecação dos jornais, sua análise crítica e comparativa, abrem largas e originais perspectivas para os pesquisadores, bem como para os especialistas e o grande público. (KAISER apud MELO, 1972, p. 18-19)

Marques de Melo acredita que Kaiser “preocupou-se com a realização de pesquisas que pudessem servir aos profissionais da própria imprensa, em sua atividade noticiosa”. O estudo da comparação permite criar aquilo que Melo chama de “ciência da imprensa”. O jornalismo comparado auxilia a compreensão da mídia não só para quem se encontra fora deste universo, mas também é uma útil ferramenta para os estudiosos da comunicação social.

Mais adiante em sua obra, Marques de Melo cita o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina), Instituto voltado para a produção de pesquisas sobre a comunicação no continente Americano. A CIESPAL por sua vez assim declara:

a constatação de maiores porcentagens destinadas às informações sobre *assuntos marginais*, isto é, esportes e variedades em geral, significa um empobrecimento nas informações que se relacionam diretamente com aspectos sociais, culturais e econômicos. (CIESPAL apud. Melo 1972, p. 22):

Esta afirmação da CIESPAL entra em conflito com o enfoque realizado nesta pesquisa. Quando o esporte é o foco de um acontecimento que engloba não só seu caráter lúdico, mas também seu aspecto político e administrativo, não se pode considerá-lo um assunto marginal que empobrece o conjunto de informações. Deve-se distinguir como o veículo aborda os fatos esportivos. Há a possibilidade de uma perspectiva superficial do mundo esportivo, mas o veículo que se diz comprometido com a verdade e com a busca de informações deve analisar a prática esportiva como algo superior a um assunto marginal.

As teorias do jornalismo são de fundamental importância dentro da análise das notícias, pois elucidam qual a posição dos veículos mediante o esporte. Através da análise do enquadramento, é possível conhecer quais fatos são mais destacados ou oclusos nas reportagens feitas. O estudo do *framing* permite também perceber a atuação da Teoria da Ação Política e de tantas outras teorias, esclarecendo ainda mais a posição dos veículos midiáticos e a forma de divulgação de informações. Já o jornalismo comparado auxilia na percepção de importância dada a um assunto quando se comparam veículos midiáticos distintos.

5.4 BASTIDORES DO ESPORTE

“Há mais coisas entre a chuteira e a bola do que sonha a torcida”

José Esmeraldo Gonçalves

Dentre os poderes que emanam do esporte, a capacidade de atração popular é um que merece destaque. Desde a Grécia antiga, com a realização dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, a prática esportiva apresentava o charme que lança ao povo. Naquela época já se conhecia a autoridade do esporte, que parava batalhas e reunia sociedades

em conflito para a realização de um combate com regras recompensado com a honra proveniente dos Deuses do Monte Olimpo. Porém, mais importante que as glórias esportivas estão os frutos gerados por tal conquista. A fama, o reconhecimento e os interesses econômicos sempre marcaram a competição esportiva, como afirma Ariosvaldo Vieira da Silva:

A História registra inúmeros exemplos de competições esportivas, umas engraçadas e outras sangrentas. Em sua maioria, eram uma ardilosa jogada lúdica, tentando provar que prestígio e dinheiro estavam acima de qualquer virtude do espírito e da força bruta. (SILVA, 1985, p.88)

O esporte traz resultados interessantes para seus vencedores. Se esconde por trás da prática esportiva o interesse dos protagonistas, sejam eles os atletas como as forças responsáveis pela criação dos eventos desportivos. Por trás do aspecto lúdico, reside uma infinidade de situações vantajosas a um grupo disfarçadas de atitudes enaltecidas do espírito de competição. Traduz desta forma Vieira da Silva (1985, p. 88):

Convencimento de popularidade e dinheiro, normalmente, esquematizavam a estratégia de uma competição esportiva, levando vantagem aquele que dispusesse desses predicados, tal como acontece na arte da política. Nenhuma virtude da alma poderia ser mais influente nos resultados dos jogos esportivos do que a força material que esses “bens” podiam exercer. (SILVA 1985, p. 88)

Traduzindo esta questão para os padrões brasileiros, devemos primeiramente colocar o foco no futebol como alavanca do sucesso e canteiro de obras políticas. É no futebol que se enxerga o maior interesse político e administrativo no esporte. Por se tratar de uma prática esportiva altamente difundida no território nacional, coroada com uma tradição impecável marcada por cinco títulos mundiais, é no futebol que se encontra a criação de mitos e os interesses econômicos e políticos. Segundo José Esmeraldo Gonçalves (1985, p. 20), “desde 1984, quando foi introduzido no Brasil, o futebol serviu, sem dúvida, a muitos políticos e governos”. Para se compreender tal status, devemos relembra a trajetória do esporte no Brasil.

Trazido pelos ingleses no século 19, o futebol desembarcou com os marinheiros vindos da Europa, mas foi residir nos clubes da elite brasileira. Em São Paulo, Charles Miller foi o responsável pela difusão do esporte entre os mais abastados. No começo de sua prática havia inclusive a proibição da prática do jogo por atletas negros. Com a profissionalização vieram a popularização e os clubes como conhecemos atualmente. As restrições foram pouco a pouco sendo derrubadas conforme se percebia a atração causada pelo jogo. Os conflitos raciais foram se amenizando até ao ponto em que todos os títulos mundiais do país foram conquistados com ajuda de negros. Com o advento da mídia (iniciada pelo rádio e transposta para a televisão) o esporte se tornou um produto cultural responsável pelo lazer da população em dois horários por semana. Às quartas-feiras e domingos (datas mais comuns da transmissão esportiva) é possível acompanhar jogos de times e seleções através dos meios de comunicação.

5.5 O RACISMO

Além das questões envolvendo lucros e glórias, existe por trás da imagem do esporte questões sociológicas de profunda importância, como é o caso do racismo. Tomando como base de análise o futebol no Brasil, inúmeras situações racistas, principalmente com os negros, aparecem cravadas por trás de conquistas e fiascos esportivos. Lucia Helena Corrêa (1985, p. 32) ressalta: “Numa sociedade racista, com as características da nossa, para o negro não basta ser bom. É necessário ser ótimo. É indispensável ser excelente. O melhor”. O futebol, representação máxima do esporte das massas no Brasil, foi durante muito tempo um jogo aristocrático restrito à imigrantes ingleses e aos ricos, como aponta José Esmeraldo Gonçalves (1985, p. 21): “O povo- quem diria- não estava à altura do futebol”.

João Saldanha (1985, p. 15), jornalista e técnico da seleção brasileira nos anos 60, assim reproduziu a situação do negro nos campos: “O negro, no Brasil, se apega à bola porque a bola pode dar a ele um status que a sua condição social ainda não conseguiu.”. Desde o seu primeiro título mundial, o Brasil teve em seu plantel jogadores afro-descendentes, contudo, são nas derrotas em que o racismo aparece. Quando em 1950 o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo no Maracanã abarrotado, o grande culpado pela derrota foi o goleiro Barbosa, que era negro. Após este fracasso, o Brasil só contou com um goleiro negro e titular novamente na Copa de 2006, na Alemanha

com Dida no gol. Ainda sobre o negro nas Copas do Mundo, relata Lúcia Helena Corrêa:

O caso mais inusitado do racismo, digno de registro, foi a disposição da então Confederação Brasileira de Desportos (CBD), de não convocar jogadores negros para a Seleção de 5, campeã frente à Suécia (5x2), alegando que eles “tremiam mais que os brancos” (...) Evidente que o “exemplo” não convenceu a imprensa e nem a opinião pública, obrigando a CBD a argumentar, numa última cartada (perdida), que “os nossos jogadores *de cor*, na Europa, seriam, com certeza, discriminados” (CORRÊA, 1985, p. 37)

Por sorte dos brasileiros, a bola, e os habilidosos jogadores negros que a conduziram em campos suecos, provaram o tamanho do erro da Confederação. Surgia neste campeonato o maior jogador de futebol de todos os tempo, Edson Arantes do Nascimento, negro. Pelé.

O racismo foi responsável por situações memoráveis que impuseram ao preconceito uma derrota amarga, como foi o caso de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Ao conquistar quatro medalhas de ouro nas provas do atletismo, o americano Jesse Owens calou Adolf Hitler, que pregava a superioridade intelectual e atlética do povo ariano. Apesar deste exemplo de superação dos preconceitos, a fragilidade das questões sociais dentro do esporte permitiram a entrada da mancha trazida pelo racismo ao âmbito esportivo, sendo este fenômeno algo difícil de ser excluído, como aponta Lucia Helena Corrêa:

O mesmo racismo que empurra o negro para a superação de si próprio e, daí, para o sucesso, vive atento, espionando esses ídolos. Na primeira falha, cobra-lhes a concessão de um dia tê-los deixado galgar os degraus da fama. Do negro cobra-se a “alma branca”. (CORRÊA, 1985, p. 33)

Rafael Medeiros de Lemos e Raquel Cordeiro Guedes relatam o racismo implícito nas regras do jogo:

Os negros e mestiços para garantir sua participação e aceitação no esporte passam a inventar inúmeros dribles, porém, continuando a cuidar para o menor contato corporal possível com os outros jogadores, evitando as faltas, que raramente eram marcadas quando sofridas por jogadores de “cor”. É desse “método de jogo” que nasce o que viria a ser denominado futebol arte. (GUEDES e LEMOS 2008, p. 38)

Esta desigualdade entre grupos é transparecida através de atitudes tomadas dentro do âmbito esportivo sem que haja qualquer tipo de repreensão, como afirma DaMatta (1982, p. 35 - 36.): “Um dos traços distintivos da sociedade tradicional é- como nos ensinam os historiadores- a desigualdade vista como algo natural. A desigualdade apontada por DaMatta não se restringe apenas aos negros, a parcela mais pobre da sociedade brasileira por muitas vezes foi excluída da prática esportiva”.

A disparidade entre elite e o povo não é restrita ao jogar da bola. A disposição da torcida no estádio reflete a desigualdade, como afirma Flores (1982, p. 54): “Os piores lugares (quanto a conforto e visibilidade do jogo) são os mais baratos e os que não têm lugar individual definido. Arquibancadas e gerais são ocupados por massas; cadeiras tribunas e camarotes por **indivíduos**.”. Em relação à extinção de classes dentro do esporte, Roberto Ramos aponta:

O futebol fabrica toda uma idealização do real. Os burgueses e torcedores são convertidos em torcedores. Significa uma falsa conciliação de classes dentro de condições irreais. A hierarquia e os papéis sociais são desativados. A injustiça social ganha outra dimensão. Sobrevive nos estereótipos, que relacionam os torcedores e os clubes, e nas diferentes acomodações dos estádios. (RAMOS, 1984, p. 105)

Gradativamente, a repressão às massas foi substituída pela inclusão da mesma na prática esportiva. Atitude esta que não é fruto de elevado pensamento social proveniente de uma elite democratizada, mas sim oriunda da incursão do esporte nos meandros da sociedade. A adaptação do esporte profissional aos terrenos mais esguios democratizou o futebol. A criatividade popular sobrepunha as regras do jogo de cavalheiros. A

abertura do esporte é mérito do povo. Diz Daolio (2000, p. 30): “era a vitória da técnica dos jogadores populares sobre a imposição elitista, ainda presa à tradição britânica.”.

Após estar restrito, o futebol tornara-se democrático. Democrático em sua prática, mas não em sua execução profissional. As classes abastadas deixaram as chuteiras e assumiram as cartolas. A administração dos clubes e seleções passa à mão de detentores do poder, dentre eles, poder militar. O esporte, além de não conseguir se manter restrito por muito tempo, poderia muito bem assumir um papel de auxílio da aristocracia no estabelecimento de sua superioridade social através do entretenimento oferecido pela prática esportiva. O que ocorre no esporte não se limita aos campos, excede a prática esportiva e invade o campo administrativo.

A transmissão do futebol profissional às casas dos brasileiros se tornou um negócio, iniciado de forma humilde no rádio e transformado em uma lucrativa empreitada na televisão. Os direitos de transmissão começaram a engordar as contas de clubes conforme a abrangência dos campeonatos ia crescendo graças à evolução das telecomunicações. Roberto Ramos assim define o papel empenhado pelo futebol ao ser oferecido como produto cultural à população:

O futebol é um belo exemplo de hegemonia cultural. A classe dominante o empurra goela abaixo do proletariado, como uma opção fechada. Isso ocorre com tal esmero de mistificação, que há uma inversão. Ele assume, artificialmente, um valor popular cultural. No entanto, representa apenas um agente populista conservador de despolitização. (RAMOS, 1984, p. 20)

De prática esportiva importada e exclusiva, o futebol passara a ser considerado um lucrativo empreendimento a ser explorado pelo capital. Aos olhos do Estado, crescia uma manifestação capaz de prender a atenção dos brasileiros na mesma proporção em que conseguia criar um sentimento patriótico a cada jogo da seleção. O fanatismo dos torcedores crescia junto com a expansão midiática e mercadológica do futebol. Não seria preciso muito tempo para a política apitar o jogo.

5.6 ESPORTE E POLÍTICA

Nascido na inocência da prática, o esporte transformou-se ao ser criado nos braços da política. Conforme se desenvolvia o interesse popular e econômico sobre a prática profissional dos esportes, cresciam também as vistas políticas e as cifras que orbitam neste universo. Apesar de ter aparecido de forma despolitizada na sociedade, o esporte logo despertou o interesse daqueles que se encontravam no poder devido à sua grande habilidade de entretenimento social.

Durante os estudos de história do ensino fundamental ao sermos ensinados sobre o poderoso Império Romano somos lembrados do Coliseu e seus gladiadores. Os professores nos falavam sobre a Política do Pão e Circo e nos contavam sobre a estratégia dos imperadores romanos que atraíam e distraíam seus súditos através de manifestações culturais e da distribuição de alimentos. Os gladiadores eram os protagonistas da diversão e os governantes, ao oferecerem carnificinas em teatro de arena, ocupava o tempo livre da população que há tempos passava por necessidades, mas se contentava com o que era oferecido. A política do Pão e Circo na sua forma clássica não se repete há séculos, mas a sua essência se espalhou pelo esporte, talvez o campo mais fértil de manipulação popular neste país.

No Brasil diversos governos se utilizaram do esporte, principalmente do futebol, como forma de distração para os problemas sociais, como afirma Roberto Ramos (1984, p. 107): “nos momentos de crise, o esporte está em alta”. Gonçalves (1985, p. 23) enumera as relações do governo brasileiro com o futebol: “as relações do Estado com o futebol podem ser esquematizadas em três fases claramente identificáveis: o incentivo, na República Velha; a participação organizacional-burocrática, no Estado Novo; e a *militarização*, a partir de 1969”. Analisando tal quadro pode-se observar que os governos brasileiros do início do século já tinham conhecimento sobre a força do futebol.

Durante a República Velha, na capital Federal, o Rio de Janeiro, antes do surgimento do futebol como esporte popular, o remo atraía os espectadores. Assim como os esportes bretões, o remo iniciou sua popularização nas elites e terminou abraçada ao povo antes de ver sua popularidade afogada pela criação dos primeiros clubes de futebol. Em 1902, surgia o Fluminense e na mesma corrente apareceram tantos outros. Era o início do futebol, que em seus primeiros anos era apenas reconhecido como uma distração elitista. A pequena abrangência do esporte não

alarmava, sequer chamava a atenção dos governantes brasileiros nas décadas de 10 e 20. As primeiras aparições da seleção brasileira são datadas de 1914 e o primeiro título veio cinco anos depois no Campeonato Sul-americano de Futebol.

Joel Rufino dos Santos exemplifica a utilização do esporte como forma de dominação ideológica no início do século 20:

A greve de 1917 que chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um “esporte de massas”. Como uma criança que se manda brincar “para queimar as energias”, os operários foram, então, mandados jogar futebol. (SANTOS, 1981, p. 22)

Apesar da ampliação de sua popularidade, o futebol ainda era um esporte discreto no que se diz respeito à força política. Os primeiros títulos de clubes cariocas e a popularização do jogo dentre operários e populares foi incrementando a absorção do futebol pela sociedade, somente nos anos 30 é que a relação entre esporte, sociedade e poder começa a se transformar. Ricardo Pinto dos Santos e Francisco Carlos Teixeira da Silva em sua obra Memória social dos esportes: futebol e política assim definem a época:

Nos anos 30, estas confluências- entre um esporte que cresce com força dentre a população em geral e uma intencionalidade política de modernizar instituições do país- geram as possibilidades de enxergar no futebol e em todos os seus corolários (estádios, torcidas, federação e imprensa) o epicentro de um sentimento nacional. É nos anos 30 que se iniciam as copas do mundo, onde seleções com os melhores representantes de cada país passam a duelar para decidirem qual seria o melhor plantel mundial. No mesmo período, precisamente em 1933, institui-se o profissionalismo no país, indicando que o esporte não seria mais questão de clubes ou chuteiras. O mundo do trabalho, ideia poderosa do período varguista, incorporava em suas bases seus novos heróis nacionais- e seus passes fabulosos, como de Domingos da Guia. (SILVA E SANTOS, 2006, p. 30)

Os maus resultados obtidos pela Seleção Brasileira nas primeiras edições da Copa do Mundo (em 1930 e 1934) ficaram marcados pelo duelo regional entre São Paulo e Rio de Janeiro. O impasse se resolveria apenas durante o Estado Novo com a incorporação do futebol às manifestações de civismo.

No Estado Novo, o Getulismo já engloba o futebol como ferramenta. O advento das artes, da literatura e o fortalecimento da imprensa esportiva realçam o esporte, que galga seu espaço na mídia. Durante o governo Vargas, é implementado o Conselho Nacional de Desportos, CND, órgão que regulamenta a prática dos esportes profissionais no Brasil. Cria-se neste momento no Brasil o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) que “auxilia” e regula a imprensa. Melina Nóbrega Miranda dá contornos à situação:

Afim de uma maior regularização do futebol no Brasil, alguns fatos integrantes de uma partida de futebol sofreram intervenção do governo, via formulações de leis ou decretos, ação policial ou censura com o DIP¹⁴. Mesmo o sindicato dos jogadores profissionais de futebol, criado em reuniões organizadas entre os próprios jogadores de futebol, passou a ser controlado pelo Ministério do Trabalho. Nesse “processo civilizador” por qual passava o país, modernizou-se o futebol, popularizando-o e iniciando sua identificação com o *ethos* brasileiro. Durante o Estado Novo inúmeras leis e decretos foram feitos nesse sentido – de regularizar e institucionalizar os esportes. O governo de Vargas aproveitou-se da popularidade do futebol, iniciada nesse período quando tal esporte mudava-se da fase amadora para a profissional (conseguindo mais adeptos e fãs no país, em principal nos grandes centros de poder, como os Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro), para tentar concretizar alguns de seus projetos, tal como o de unidade nacional. (MIRANDA 2007, p. 06)

A criação da Confederação Brasileira de Desportos é datada de 1914, porém, foi com Getúlio Vargas que se iniciou a regulamentação de viés político no esporte brasileiro. Se Vargas foi quem aproximou a política da prática esportiva, foi durante o regime militar que se estabeleceu esta relação como se fosse uma regra.

Bicampeão do mundo, o Brasil enfrentava dois anos a deposição de João Goulart e a tomada do poder pelos militares. Iniciavam se tempos de duras regras e imposição da força sobre a verdade e a democracia. A seleção brasileira por sua vez não passava

por tamanha ferida em sua imagem e estrutura. Após a conquista da Copa do Mundo de 1962 no Chile, o escrete brasileiro era conhecido e temido, principalmente devido a uma excelente safra de jogadores que apresentaram ao mundo uma mecânica de jogo que fugia ao padrão tático e estático da época. Em 1966 depositava-se a esperança do tricampeonato nos pés de Garrincha, Pelé, Tostão e outros craques. A seleção não conseguiu bons resultados e ficou para 1970 o progresso da propaganda política no esporte.

Em 1969 saiu Costa e Silva e a Junta Militar tomou o poder com a batuta de Emílio Garrastazu Médici. João Saldanha foi o técnico da classificação para o mundial do México, mas não resistiu à pressão imposta pelo governo. Explica Gonçalves (1985, p.26): “tem início a *militarização* do esporte mais popular do Brasil. Antes da Copa é elaborado um exótico Regulamento do Atleta Convocado, proibindo os cabelos grandes e impondo ideias curtas: nada de declarações políticas”. Apesar do flerte com o controle, João Saldanha impedia que a seleção estivesse totalmente à mercê do poder. Ao receber um palpite do Presidente para a escalção de Dario, João teria respondido que se ele não dá palpite na escalção do Ministério, não aceitaria palpites sobre sua escalção. O técnico foi substituído por Mario Jorge Lobo Zagallo.

Para promover a Copa e ressaltar a imagem progressista do país, o tom repressor foi mascarado por um discurso ufanista. Cânticos de estádios, slogans publicitários foram algumas das armas da propaganda política para o Mundial. Ramos (1984, p. 35) completa: “O futebol serviu de coadjuvante ideológico no período mais autoritário e repressivo do país”. Bueno descreve a utilização do futebol pelo governo de Médici:

Distanciado da sociedade a quem solapava, notadamente, as novas gerações, a quem se cortava a fala, recém-esboçada nos bancos das universidades, o governo Médici investiu na Copa do Mundo. Era preciso ganhá-la, comentava-se nos corredores de Brasília. Era a única maneira de, mítica e carnavalescamente, mobilizar a nossa gente, de cabeça rente ao chão face à situação lamentável em que se encontrava o moral do País. (BUENO apud RAMOS 1984, p.36)

Para manter o esporte no imaginário populacional como algo benéfico, ter-se-ia que fazer a imagem de algo democrático, sem alguém no comando, exceto o árbitro. Sobre este signo de igualdade montado pelo esporte, Flores afirma:

Este “democrático” apagar de diferenças sociais é também visto pela integração/dissolução dos mais distantes grupos sociais nas torcidas de equipes de clubes e seleções, e cujas bandeiras...a todos acolhem. Isto é, as regras que servem para a divisão da sociedade em grupos sociais não são as mesmas que repartem a população em clubes. (FLORES 1982, p. 47)

No Brasil durante a ditadura este respeito à democratização do esporte não existiu. Não faltaram exemplos de manifestações contra a ditadura que foram reprimidas dentro das arquibancadas. O antropólogo Roberto DaMatta (1982) enxerga o futebol como uma manifestação social que permite ao indivíduo exprimir seus pensamentos no espaço público que pode servir de apoio à lutas políticas e à união de vozes. Segundo o autor crer na função do esporte como instrumento de hipnose social não auxilia na compreensão do esporte como meio de manifesto. Entretanto, a exacerbada utilização da força no Brasil tornou praticamente o uso do esporte através desta perspectiva. A democratização dentro do estádio é um espectro, um holograma que existe até atingir seu limite. É possível acreditar numa democratização social que diminui de forma paliativa as diferenças sociais ao juntar membros das mais diversas condições econômicas e culturais dentro de um ambiente sob um único objetivo de torcer pela mesma coisa, mas se torna impossível crer na união em prol da democracia, principalmente durante uma ditadura.

A expressão do torcedor restringe-se ao campo, assim como a igualdade perante o esporte. Ultrapassada a fronteira da competição esportiva, enxerga-se uma sociedade dividida claramente em que a voz popular não é ouvida. O fato de o esporte, representado no Brasil pelo futebol, ser de extrema importância, como afirma Galeano (2000, p.120) “poucas coisas ocorrem, na América Latina, que não tenham alguma relação direta, ou indireta com o futebol”, faz com que os donos do poder dentro da nação utilizem o esporte como forma de atenuar a contestação de ações políticas. Coutinho (1985, p.112), aponta a relação entre política e esporte: “Muitos, que não entendem nem admiram o futebol, se aproximam dele por interesse espúrios, em geral de caráter político-eleitoreiro”.

As fortes críticas às relações da sociedade com o futebol feitas por Roberto Ramos expõem a visão Marxista do autor, que enxerga no esporte um aparelho do capitalismo para a dominação de seus integrantes. Ramos acredita que a igualdade

apresentada dentro dos estádios de nada serve ao povo senão para conformar ainda mais o trabalhador do domínio exercido pelo capital. Visões como a de Ramos não tomam as páginas dos jornais, que rechaçam posições que coloquem sua saúde financeira sob risco.

5.7 ESPORTE E MÍDIA

A prática esportiva não conquistou o povo e seus governantes apenas pelos seu próprio esforço. Os veículos midiáticos ao vislumbrar o poder de abrangência do futebol e o crescimento dos clubes e do profissionalismo no país fizeram do bate bola um espetáculo. Era a transformação de um jogo em produto cultural através da produção midiática através das transmissões de rádio e das notícias estampadas nos periódicos e dos textos de amantes da bola e da pena como Mario Filho, Nelson Rodrigues e tantos outros. Nos dias de hoje, a ênfase dada ao esporte dentro dos meios de comunicação é substancial. Dos tradicionais jornais aos grandes portais de notícia da internet, não só o futebol, mas uma gama de modalidades têm o seu espaço reservado às informações. Em sua pesquisa nos jornais, redes de televisão e rádios do Rio Grande do Sul, Roberto Ramos (1984, p. 107), comprova que o espaço reservado para o esporte, em especial o futebol, ultrapassa em muitos casos a importância dedicada a assuntos como política, saúde e cultura: “os números dedicados à economia e à política parecem contraditórios. São extremamente, insignificantes. Contrastam com a importância delas para a compreensão do real.”

Dada esta constatação, vê-se que vivemos em tempos em que a sociedade se informa de maneira mais completa sobre assuntos de entretenimento e de que nada afetam o curso de suas vidas do que sobre temas importantes como decisões políticas e econômicas. Esta pequena dose de informações de cunho político e econômico pode ser explicada pelo fato de que, para os governantes e empresas midiáticas, é mais interessante a veiculação de informações que não desagradam a população e que não levantam vozes tampouco revoltam as massas. Lauro Freitas Filho elucida:

A percepção de que o esporte encerrava em si uma pujança social ainda pouco explorada pelos meios de comunicação levou os “industriais da imprensa” a vislumbrar uma nova fonte de lucros, ao

mesmo tempo em que passava a ter nas mãos mais um instrumento de manipulação das massas. (FILHO 1985, p. 53)

A partir de tal descoberta, os veículos midiáticos passaram a oferecer mais informações sobre o esporte, tratando de recolher os assuntos de interesse público a horários mais reservados e de menos audiência. Ramos (1984, p.109) escreve:

Quando o operário toma a marmita para o almoço, as emissoras enchem o ar de futebol. São as últimas notícias sobre a lesão do jogador ou da escalação da equipe. É importante não permitir que o trabalhador pense. Ele não deve trocar idéias com seus colegas sobre as condições de trabalho. Isto pode levá-los à organização para melhorar as condições de vida. (RAMOS, 1984, p. 109)

Elevado pela mídia e formatado pela política, o futebol, que já havia penetrado na sociedade, conseguia obstruir os brasileiros dos reais problemas enfrentados no país. A oferta de produtos midiáticos relacionadas ao esporte, juntamente com a qualidade da cobertura feita pela mídia em eventos esportivos oferece ao espectador/ leitor uma atmosfera recheada de sentimentos associados diretamente ao esporte, como alegria, frustração e euforia fazendo com que este esqueça seus problemas para dedicar sua atenção ao esporte. Roberto Ramos (1984, p. 67) corrobora com esta visão expondo que as vitórias e as glórias alcançadas auxiliam na oclusão da injustiça social. “Para o torcedor, representa uma façanha verdadeira. É como se ele tivesse derrotado as suas dificuldades rotineiras, através de sua luta e poder de reivindicação”.

Gradativamente a situação transforma a sociedade em uma massa passiva advinda da falta de informações sobre os problemas cotidianos. No futebol se enxerga como agem os brasileiros. Descreve Dieguez:

Politicamente falando, o futebol permite que se veja como os 130 milhões de brasileiros acostumaram-se à condição de “torcedores”: afastados do cenário político, resta-lhes apenas “torcer” para que o seu time partidário seja o vencedor na difícil peleja sucessória. (DIEGUEZ, 1985, p. 97)

Ao falarmos de cobertura esportiva, deve-se deixar claro que o aspecto favorito da mídia e por consequência dos leitores é a prática do esporte. O enfoque midiático funciona como os holofotes de uma arena, se acendem para o espetáculo e muitas vezes se apagam após o mesmo. Um caderno de esportes de um jornal ou uma seção de notícias esportivas canalizam muito mais informações sobre resultados, transferências e especulações e fofocas sobre a vida particular dos jogadores do que notícias de cunho político/ administrativo que envolvem o futebol e suas práticas. Roberto Ramos assim define a cobertura do futebol no Brasil:

Os meios de comunicação fetichizam o futebol. Atribuem-lhe auto-suficiência, um valor em si, intrínseco. Absolutizam-no. Justificam a sua popularidade como motivada pelo seu poder mágico de envolver as pessoas. Com isso, tentam explicar as exaustivas coberturas futebolísticas. (RAMOS, 1984, p.34)

Como afirma Barbeiro e Rangel (2006, p. 27): “a política do esporte é um campo que precisa ser melhor coberto pelos jornalistas esportivos. Fugir do cotidiano, muitas vezes cansativamente repetitivo, e partir para os bastidores.”. Ramos, com sua perspectiva marxista e apocalíptica tende à uma análise da mídia como se esta fosse um parceiro de braços dados com a repressão política e o controle popular: “as rádios e televisões írestam um elevado serviço aos burgueses. Eles trabalham para a alienação das massas. Assim, concorrem para que tuos fique no seu devido lugar. Conservam a senzala e os seus escravos, ordeiramente, pacíficos”. No “Manual do Jornalismo Esportivo”, Barbeiro e Rangel não condenam ou julgam a ação midiática, os autores preferem enxergar o papel que os jornalistas esportivos devem assumir diante dos fatos a serem noticiados. A busca pela informação que veicula por trás do espetáculo faz parte da cobertura jornalística e em muitas vezes auxilia tanto na compreensão do esporte quanto da situação política que envolve a prática esportiva.

Os jornalistas esportivos precisam avaliar corretamente a relação que o esporte tem com os setores político e econômico da sociedade. Essa atividade mexe com o poder e é responsável por grandes verbas públicas ou privadas. Por isso o ideal olímpico por vezes é substituído por conluio, corrupção manipulação e ausência de interesse público que, em última análise, é o que define o jornalismo. (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.118)

Considerar o jornalismo esportivo apenas como a cobertura de eventos do esporte é negar que por trás de toda organização existem ações políticas de interesse público.

6. RESULTADOS

Analisando a cobertura realizada pela *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* nos assuntos relacionados à Copa do Mundo, a construção dos estádios e especificamente a Arena Corinthians, conseguimos colher resultados sobre a realidade da imprensa no Brasil no que se diz respeito à veiculação da realidade política do esporte. Como descreve Pierre Bourdieu (1997) há a intervenção tanto da política quanto do mercado que, antes de tudo, coloca o fator econômico e a necessidade de vender as notícias em primeiro lugar. Em primeiro lugar, vamos analisar a Copa do Mundo tomando ciência da grandeza exuberante do evento, que engloba montantes de dinheiro de igual exuberância. Ela é um evento responsável pelo acréscimo de lucros – e gastos- em setores primordiais da economia brasileira. O turismo, a construção civil e o setor de serviços serão responsáveis pela intensa movimentação de capital, seja ele público ou privado. O país sede da Copa do Mundo da FIFA recebe e deve se preparar para receber do esporte uma oportunidade de fazer com que mais capital circule em sua economia. Empregos, investimentos e elevação do produto interno bruto são alguns dos reflexos econômicos da realização da Copa. Em um país emergente como o Brasil, isso significa que as cifras não param nos estudos já que uma fortuna é arrecada na informalidade. A realização da Copa de 2014 e futuramente os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, coloca o Brasil de forma definitiva no hall dos países capazes de sediar e administrar os dois maiores eventos esportivos internacionais do planeta.

Tanto os Jogos Olímpicos quanto a Copa do Mundo necessitam de um tipo de “concurso” para se definir qual o país sede. Esta escolha exige do país que pleiteia o título uma preparação política. Há a necessidade de desenvolvimento em diversos setores para que seja possível realizar tais eventos. Melhorias na infra-estrutura, além da construção de estádios são alguns dos itens que devem constar na lista dos países-sede, gerando gastos e atraindo a atenção da mídia. Os eventos esportivos de grandes proporções demandam estudos precisos sobre os investimentos e melhorias que devem ser realizados nas cidades que receberão os jogos. Análises de impacto econômico e

social, licitações e investimentos são procedimentos base para iniciar as obras e projetos de infraestrutura. O Brasil já não se adapta ao rótulo de economia subdesenvolvida e números dignos de uma nação economicamente desenvolvida já são colhidos ou projetados para futuros próximos. Diante do quadro de progresso econômico, a FIFA depositou no país a confiança política e administrativa que é necessária para que seja realizada a Copa do Mundo de 2014.

Neste momento de afirmação internacional e destaque na esfera esportiva, os veículos de comunicação são de grande importância para a construção da imagem do país. São os veículos de comunicação os responsáveis pela abrangência internacional das notícias relacionadas ao assunto. A dispersão das informações auxilia na obtenção do apoio popular, criando na imaginação da sociedade o momento fantástico gerado pela atmosfera de um grande evento. Deve-se esclarecer que a atuação midiática deve ser maior do que apenas uma alavanca publicitária da Copa. É obrigação da imprensa fiscalizar com olhares atentos os fatos e ações políticas e dos atores que protagonizam os bastidores da realização da Copa do Mundo. A população tem o direito de ser informada sobre os acontecimentos, uma vez que o torneio movimentou o país de forma notável. Através do prisma da mídia, os fatos devem ser noticiados e gerar assim o interesse da população pela movimentação interna da construção da Copa do Mundo.

Tendo em vista tal realidade, esta pesquisa se esmerou em analisar como é realizada a cobertura dos cadernos de esporte de dois dos maiores jornais brasileiros, a *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*. Faltando pouco mais de um ano para o início do torneio mundial de futebol, é necessário compreender como a mídia impressa informa seus leitores. Para a exposição de resultados de forma clara, dividiremos a análise em dois momentos. Em um primeiro momento, é preciso analisar a quantidade de notícias relacionadas à Copa do Mundo que estampam as páginas dos cadernos de esporte. Após esta primeira etapa, o foco será sobre a quantidade de informações sobre a construção dos estádios do Mundial que está contida dentro das notícias referentes à Copa. Após esta análise quantitativa, o discursaremos sobre a análise de enquadramento dado às notícias referentes à construção da Arena Corinthians.

6.1 OS NÚMEROS

Este capítulo dedica-se a apresentar números encontrados na pesquisa nas páginas dos cadernos de esportes da *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*. A partir

dos dados obtidos, cálculos foram feitos para encontrar as porcentagens de dedicação das publicações aos seguintes assuntos: Copa do Mundo, Estádios e Arena Corinthians. Os números funcionam da seguinte maneira, as notícias referentes à Copa são aquelas que abordam fatos que fazem parte da construção do Mundial, as que se encaixam dentro do conceito estádios são aquelas que focam nas Arenas das cidades sedes da Copa e, obviamente, a última seleção aborda a construção da Arena Corinthians. É importante ressaltar que as notícias sobre estádios se enquadram dentro das notícias da Copa e as notícias sobre o Itaquerão se enquadram nas outras duas categorias. Os dados foram colhidos mês a mês e serão apresentados aqui e também no final do trabalho em tabelas. Primeiramente iremos comentar os números da *Folha de S.Paulo* em seguida a vez será do *Estadão* no qual já iremos realizar a comparação dos valores.

6.1.1 FOLHA DE SÃO PAULO

Durante todo o ano de 2012, a *Folha* publicou um total de 5.540 notícias em seu caderno de esportes. Foram tratadas como notícias apenas as informações captadas pelos repórteres e redigidas em reportagens. As colunas, gráficos e tabelas de campeonatos não foram contabilizadas nesta soma. A média de reportagens foi de aproximadamente 15 notícias por dia (os números são apresentados aproximadamente pois torna-se mais simples trabalhar os dados com números inteiros arredondados). O mês de maior circulação de informações foi Junho com 520 notícias. Em Agosto, a publicação alcança seu menor índice de notícias com 285 textos.

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS
Janeiro	411
Fevereiro	490
Março	509
Abril	495
Maior	511
Junho	520

Julho	504
Agosto	285
Setembro	429
Outubro	451
Novembro	495
Dezembro	440

Do total de 5.540, duzentas e trinta e nove abordaram fatos da Copa em uma média aproximada de uma notícia a cada dois dias ou 20 notícias por mês. Março é o mês recorde com 48 notícias e Julho conta com apenas seis notícias. Os fatos da Copa aparecem distribuídos da seguinte forma durante o ano:

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS COPA DO MUNDO
Janeiro	25
Fevereiro	19
Março	48
Abril	19
Maio	27
Junho	11
Julho	6
Agosto	19
Setembro	16
Outubro	18

Novembro	20
Dezembro	11

Em relação aos Estádios que receberão os Jogos da Copa do Mundo, o total de notícias é de 92 textos com uma média aproximada de uma notícia a cada 4 dias ou 8 notícias por mês. Destacam se na cobertura os meses de Maio e Setembro. O primeiro contém o maior índice de notícias com doze, o segundo o menos com somente uma.

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS ESTÁDIOS
Janeiro	11
Fevereiro	8
Março	11
Abril	7
Maio	12
Junho	5
Julho	3
Agosto	9
Setembro	1
Outubro	8
Novembro	9
Dezembro	8

As notícias que informam os leitores sobre fatos referentes à construção do estádio do Corinthians, também conhecido como Itaquerão ou Arena Corinthians, foram

pauta do caderno de esportes em 16 oportunidades durante todo o ano de 2012. Em uma média aproximada, isto significa uma notícia a cada 23 dias e menos do que duas notícias por mês (1,3 em um número mais aproximado). Os meses de maio e dezembro são bastante significativos para o Corinthians. Nestes meses, o clube da capital paulista venceu pela primeira vez em sua história a Libertadores da América e um legítimo Campeonato Mundial de Clubes da FIFA respectivamente. As conquistas podem ter motivado a publicação de informações sobre o novo estádio do clube nas páginas da *Folha de S.Paulo*, pelo menos é o que se pode concluir no quinto mês de maio, que reúne nos cadernos de esportes a caminhada do Corinthians até o título continental e o maior número de notícias sobre o Itaquerão. Ao todo em maio são publicadas quatro notícias sobre o estádio. A vitória no Mundial de Clubes sediado no Japão em dezembro parece não surtir o mesmo efeito que a Libertadores. Nenhuma notícia referente ao estádio do clube é apresentada aos leitores. O mesmo também acontece nos meses de Fevereiro e Setembro.

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS ESTÁDIO CORINTHIANS
Janeiro	2
Fevereiro	0
Março	3
Abril	1
Maio	4
Junho	1
Julho	1
Agosto	1
Setembro	0

Outubro	2
Novembro	1
Dezembro	0

Com os números em mãos, é possível realizar um cálculo das porcentagens dedicadas pela *Folha de S.Paulo* aos assuntos específicos dentro da sua cobertura diária. Vamos aos números. Do total de reportagens veiculadas em 2012, as notícias referentes à Copa do Mundo representam aproximadamente 4,35% do total. Um número inexpressivo tendo em vista o tamanho do evento e da importância que envolvem o Mundial da FIFA. As notícias sobre os estádios são cerca de 1,67% do total de informações, os fatos da Arena Corinthians somam 0,29% da atenção total do caderno de esportes. Analisando mês a mês, destaca-se o mês de março, período de maior dedicação aos fatos da Copa. As notícias do mundial representam 9,43% do total de reportagens do terceiro mês do ano. Julho apresenta o menor índice com 1,19%.

A porcentagem dedicada para as notícias sobre os estádios (considerando o total de notícias por mês) não ultrapassa os três por cento. O mês de maior dedicação coincide com a menor cobertura feita pelo jornal. Em Agosto, o índice de notícias das arenas alcança 3,158%, porcentagem alcançada dentro de apenas 285 reportagens. Em Setembro, Julho e Junho, a porcentagem de dedicação ao tema não alcança nem um ponto percentual, sendo no nono mês do ano o menor número, 0,23%. Analisando os fatos publicados sobre a Arena Corinthians em relação ao total, nenhum mês a porcentagem alcança mais que um por cento e três meses não contém notícias.

Levando em consideração apenas as notícias da Copa, a porcentagem dedicada aos estádios é, na média, quarenta e um por cento. Destacam-se as coberturas dos meses de Setembro e Dezembro. No nono mês do ano, a menor porcentagem (6,25%) e no último a maior (72,72%). As informações da Arena Corinthians representam uma pequena porcentagem das notícias sobre a Copa no ano: 6,83%. No mês de Julho a porcentagem 16,6% enquanto os meses de Fevereiro, Setembro e Dezembro sequer contam com notícias sobre o estádio.

Por fim, a porcentagem dedicada ao estádio do Corinthians dentro das notícias sobre as Arenas da Copa. Os fatos do Itaquerão representam uma média de 11,75% do total das reportagens. Assim como Fevereiro, Setembro e Dezembro, a porcentagem dedicada dentro do espaço amostral é de 0%, uma vez que não há notícias sobre a Arena Corinthians nos meses citados. Maio e julho empataram na liderança deste índice com 33,33%.

6.1.2 O ESTADO DE SÃO PAULO

Torna-se pertinente elucidar que os critérios para elencar as notícias é o mesmo utilizado com a *Folha de S.Paulo*. O caderno de esportes do *Estadão* divulgou durante o ano passado 6.703 reportagens em suas páginas. Este número representa uma cobertura que supera a *Folha de S.Paulo* em 1.203 reportagens. A média de reportagens foi de aproximadamente 19 notícias por dia. Durante o ano, a maior circulação de informações esportivas foi em março com 634 notícias enquanto em Agosto, assim como seu concorrente, o índice foi o mais baixo com 511 notícias. A diferença de conteúdo entre o mês de menor índice da *Folha* e do *Estadão* é de espantosas 226 notícias. O mês de menor circulação quase empata em número com o mês mais recheado da *Folha*: 511 para o *Estadão* contra o 520 da *Folha*. Em nenhum mês, a *Folha* superou o *Estadão* em quantidade de matérias.

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS
Janeiro	519
Fevereiro	572
Março	634
Abril	591
Maio	558
Junho	538
Julho	596

Agosto	511
Setembro	578
Outubro	556
Novembro	538
Dezembro	512

Destas 6.703, *O Estado de S.Paulo* dedicou 305 às informações da Copa do Mundo do Brasil. Este valor resulta em uma média aproximada de 2 dias para cada notícia ou 26 notícias por mês. A frequência das notícias é a mesma na média aproximada, mas o valor absoluto será apresentado para elucidar as diferenças: 1,2 dia para cada notícia no *Estadão* contra 1,5 dia para cada notícia na *Folha*. Como os jornais circulam diariamente, o número foi aproximado para chegar mais perto da realidade, contudo, a diferença entre a quantidade de notícias é substancial. A cobertura do *Estado de S.Paulo* superou o concorrente em 66 reportagens, o que implica em aproximadamente 6 reportagens a mais por mês.

Em 2012, março foi o mês de destaque na cobertura do *Estadão* com 75 reportagens sobre a Copa. Ambos os veículos apresentaram neste mês o seu recorde de matérias e em Julho o número mínimo. *O Estado* oferece o triplo de reportagens em março e em julho os dois jornais veiculam a mesma quantidade (6 matérias).

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS COPA DO MUNDO
Janeiro	15
Fevereiro	25
Março	75
Abril	26

Maio	34
Junho	20
Julho	6
Agosto	12
Setembro	31
Outubro	17
Novembro	29
Dezembro	15

A *Folha* supera seu concorrente em quantidade de matérias em Janeiro, Agosto e Outubro, perde em Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Setembro, Novembro e Dezembro. Apenas em Julho há um empate.

As notícias referentes às Arenas da Copa do Mundo, o total é de 124 notícias contra 92 da *Folha*. A média aproximada é de uma notícia a cada 3 dias ou onze notícias por mês. Mais uma vez, as médias do *Estadão* são superiores. O mês de maior circulação foi Novembro com 20, 8 reportagens a mais que a concorrência em seu mês de destaque. O mês de julho apresentou somente 2 reportagens sobre estádios.

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS ESTÁDIOS
Janeiro	4
Fevereiro	12
Março	13
Abril	9
Maio	16

Junho	9
Julho	2
Agosto	3
Setembro	12
Outubro	15
Novembro	20
Dezembro	9

A cobertura do *Estadão* supera os dados da *Folha de S.Paulo* nos meses de Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro. Não há empates, o que significa que em Janeiro, Julho e Agosto, a *Folha* foi soberana.

As notícias da Arena Corinthians foram estampadas no caderno de esportes 27 vezes durante 2012, resultando em uma média aproximada de uma notícia a cada 14 dias ou três reportagens a cada mês. A média supera é superior à da concorrência (uma notícia a cada 23 dias ou 2 notícias por mês). Novembro e Maio apresentam seis matérias e são os recordes do ano. Novamente, o mês em que o Corinthians levanta a taça da Libertadores da América marca o ápice de notícias sobre sua nova casa. Por outro lado, os meses de Julho, Agosto e Outubro não veiculam sequer uma nota sobre o assunto.

MÊS	TOTAL NOTÍCIAS ESTÁDIO CORINTHIANS
Janeiro	2
Fevereiro	2
Março	1

Abril	1
Maio	6
Junho	3
Julho	0
Agosto	0
Setembro	3
Outubro	0
Novembro	6
Dezembro	2

A cobertura do *Estadão* supera a *Folha* em Fevereiro, Maio, Junho, Setembro, Novembro e Dezembro. Há empates em Janeiro e Abril e superação da *Folha de S.Paulo* em Março, Julho, Agosto e Outubro.

Diante dos dados do segundo jornal analisado, pode ser obtido o cálculo das porcentagens dedicadas aos assuntos elencados acima. As matérias sobre a Copa do Mundo representam aproximadamente 4,55% por cento do total das reportagens do caderno de esportes. As informações sobre os estádios representam 1,85% do total e as referentes apenas à Arena Corinthians somam 0,4%. No mês de maior veiculação de informações do Mundial no *Estadão* (Março), o índice é de 11,83% de dedicação ao tema. No mesmo mês, o seu concorrente dedicou pouco mais de nove por cento do espaço. O período de menor circulação é o mesmo para os dois jornais. No mês de julho, apenas 1,07% foi o índice do *Estado de S.Paulo* contra 1,19% da *Folha*.

Quando o tema central são os estádios, o mês em que a porcentagem foi mais alta, com cerca de 3,7%, foi Novembro. Agosto alcançou o pior índice com 0,58%, no mesmo mês, a *Folha* obteve a maior porcentagem em seu ano. Em relação à Arena Corinthians, apenas os meses de Maio e Novembro alcançam mais que um ponto percentual, 1,07% e 1,11% respectivamente. O menor índice fica com Julho, Agosto e Outubro com 0%.

Considerando as notícias da Copa como espaço amostral, a porcentagem média de dedicação aos estádios é de 44,25%, um pouco mais de três pontos percentuais maior que o da *Folha de S.Paulo*. O mês de maior porcentagem é Outubro com 88,23% e o de menor índice é Março com 17,33%. Os dois valores são maiores que os da concorrência (72,72% e 6,25% respectivamente). A Arena Corinthians representa dentro das notícias da Copa uma média de aproximadamente 8,5%, o mesmo índice representou na concorrência 6,83% do espaço amostral. No caderno de esportes do *Estadão*, o maior índice ficou com o mês de Novembro: 20,69%. Com 0% aparecem os meses de Julho, Agosto e Outubro. Um fato interessante é que a ausência de matérias nos dois veículos não são em meses coincidentes. Enquanto uma publicação "zerava" em um período, a outra emitia pelo menos alguma informação.

Finalizando, considerando as notícias das Arenas como espaço amostral, as informações sobre o Itaquerão representam, aproximadamente, uma média de 20,08% do total. Em Janeiro, metade das informações sobre os estádios foram fatos sobre a Arena Corinthians. Este número é o maior do ano enquanto os menores são Julho, Agosto e Outubro com zero por cento.

6.2 RETROSPECTIVA

Neste primeiro momento, é importante ressaltar que diante do extenso material contido nos cadernos de esportes dos dois jornais, foram selecionadas para a análise apenas as reportagens escritas pela redação dos jornais, excluindo colunas pessoais, artigos ou textos opinativos, ou seja, foram retiradas as reportagens que continham o enquadramento descrito por Murilo Soares (2007, p.453) como "enquadramento de interesse humano". Esta exclusão faz-se necessária para que sejam priorizadas as reportagens que apresentam maior profundidade nas ações políticas e administrativas do mundo esportivo brasileiro e que tenham como foco informar e não apenas em fomentar ou expressar uma opinião. As notícias selecionadas são, basicamente, aquelas realizadas às custas do trabalho do repórter em se informar sobre o fato, buscar fontes e redigir as informações.

Foram excluídos das análises e da contagem de matérias os cadernos especiais referentes à acontecimentos esportivos. Estes cadernos especiais figuram antes e durante os meses de Julho e Agosto, nos quais foram realizados os Jogos Olímpicos de Londres.

A *Folha de S.Paulo* também veicula um caderno especial sobre a Copa das Confederações e *O Estado de S.Paulo* realiza um encarte especial sobre as “Promessas Olímpicas”. Retira-se este material pois contaremos como caderno de esportes apenas as páginas que são organizadas sob a alcunha “esportes” que destaca as notícias esportivas e suas páginas.

A tabela tem o objetivo de apresentar os números de reportagens e a quantidade de conteúdo que é relacionado à Copa do Mundo. Para captar e contar as notícias sobre a Copa, todos os cadernos foram revistos, as notícias foram selecionadas e uma tabela foi construída da seguinte forma (O período das publicações é de 01 de Janeiro de 2012 ao dia 31 de Dezembro de 2012).

Dias do ano de 2012	Total de notícias do Caderno de Esportes	Total de notícias sobre Arena Corinthians	Total de Notícias sobre os estádios da Copa	Total de notícias sobre a Copa do Mundo
01/01				
02/01...				

O mês de Janeiro começa de modo discreto nas publicações. Os dois jornais realizam durante os primeiros dias do ano uma cobertura superficial refletida na pequena quantidade de material disponível nos cadernos de esporte. Esta pequena cobertura talvez tenha sido motivada pelo desacelero trazido pelo início do ano, ou então pela inatividade do mundo esportivo na época do ano. As primeiras informações sobre a Copa do Mundo figuram na *Folha de S.Paulo* apenas no dia 6 de Janeiro, as primeiras reportagens sobre os estádios construídos para a realização do torneio aparecem dois dias depois. No *Estado de S.Paulo* a notícia inicial é datada do dia 3 de Janeiro enquanto os primeiros relatos sobre estádios datam do dia 6 de Janeiro, data que também marca a estréia do assunto “Arena Corinthians” nas páginas de esportes da publicação. A *Folha*, por sua vez, só debuta sobre o Itaquerão no dia 27 de Janeiro.

No primeiro mês do ano, a publicação do Grupo Folha realiza cobertura mais consistente sobre os assuntos relacionados à Copa. São dez notícias a mais que seu concorrente em Janeiro. Em todos os assuntos destacados (notícias sobre estádios e

notícias sobre o estádio do Corinthians) a *Folha de S.Paulo* publica maior quantidade de conteúdo informativo sobre o Mundial de 2014.

Apesar da cobertura mais consistente da *Folha*, ao analisar o cadernos de esportes das duas publicações, é possível constatar que assuntos que não se enquadram nas notícias referentes à política tomam mais espaço nas páginas. O terceiro título de melhor do mundo de Lionel Messi, as especulações do mercado de jogadores para o início do Campeonato Paulista e a aposentadoria do goleiro Marcos (ídolo do Palmeiras e pentacampeão do mundo com a Seleção Brasileira em 2002) são os destaques do primeiro mês. No aspecto político referente à Copa do Mundo e as Arenas, os primeiros assuntos são a discussão da Lei Geral da Copa envolvendo autoridades da FIFA e políticos, como o Deputado Romário, e o andamento das obras espalhadas pelas cidades-sedes do Mundial. O texto da Lei Geral da Copa só foi sacramentado em Junho de 2012, após sanções da Presidência e discussões sobre diversos aspectos da Lei. Na página do Planalto (www.planalto.gov.br) assim está descrita a função da Lei Geral (lei nº12.663/2012):

Dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA 2013, à Copa do Mundo FIFA 2014 e à Jornada Mundial da Juventude - 2013, que serão realizadas no Brasil; altera as Leis nos 6.815, de 19 de agosto de 1980, e 10.671, de 15 de maio de 2003; e estabelece concessão de prêmio e de auxílio especial mensal aos jogadores das seleções campeãs do mundo em 1958, 1962 e 1970.

Dentre as “medidas relativas” que o texto relata, consta a regulamentação de aspectos econômicos, administrativos e midiáticos. A primeira informação sobre a Arena Corinthians nos cadernos de esportes das duas publicações é referente à retirada de dutos de gás que estavam enterrados no canteiro de obras dos estádios. Discutiu-se sobre a retirada e seus custos, que foi arcada pelo clube.

Em Fevereiro, a cobertura feita pelo Estadão ganha contornos mais abrangentes. A quantidade de matérias sobre a Copa do Mundo aumenta e o destaque majoritário se torna os estádios. Das 25 matérias veiculadas sobre o Mundial no mês, 12 enfocam as Arenas, sendo duas referentes ao Itaquerao. Tendo em vista que o Brasil contará com 12 capitais estaduais como sede, concluímos que em Fevereiro a Arena Corinthians ganha mais destaque que todos os estádios, contudo, se analisarmos as notícias, veremos que

nem todas as sedes são notícia nas páginas dos periódicos. Em contrapartida à cobertura do *Estadão*, a *Folha de S.Paulo* diminui a quantidade de matérias referentes à Copa em comparação ao mês anterior. As quantidades de matérias sobre todos os assuntos destacados (Arenas e Arena Corinthians) diminui enquanto o número total de textos no caderno de esportes passa de 411 para 450. As notícias referentes à Arena Corinthians desaparecem da pauta da editoria de esportes da *Folha* enquanto as notícias sobre os campeonatos estaduais de futebol e outras competições esportivas se destacam na cobertura jornalística.

O mês de Março em contrapartida é o intervalo anual que apresenta as maiores quantidades de matérias sobre o Mundial do Brasil no encarte esportivo da *Folha*. O principal motivo do acréscimo de notícias é o desacordo entre FIFA e Governo Federal após os insultos vindos do secretário geral da entidade futebolística, Jérôme Valcke. O secretário afirmou que o Brasil deveria receber um chute no traseiro pelos atrasos nas obras da Copa do Mundo. O comentário gerou muitas críticas vindas tanto de personalidades quanto de protagonistas da realização do torneio. Valcke foi obrigado a se desculpar pela fala mas o Brasil insistiu na troca do secretário, um dos responsáveis pela fiscalização vinda da FIFA. Apesar do pedido, a entidade manteve o secretário geral e a situação foi, como diz a sabedoria popular, coberta por panos quentes. O acréscimo de reportagens prova que a imprensa noticia os problemas e os aspectos que envolvem a realização da Copa destacando conflitos pessoais. Se analisarmos a proporção de destaque dado ao tema, podemos concluir que a briga entre os dirigentes atrai mais audiência para o assunto do que informações sobre gastos e ações políticas.

O Estado de S.Paulo apresenta em Março uma quantidade de matérias contendo informações sobre o mundial que atinge o ápice da cobertura do tema. São 75 matérias, o triplo do mês anterior. O dia 29 de Março é a data com o maior número de notícias sobre a Copa veiculadas em apenas um dia. A aprovação da Lei geral e textos sobre custos e os estádios de Pernambuco e Rio de Janeiro são alguns dos temas que estampam a última página do caderno de esportes. Dois dias a *Folha de S.Paulo* também atinge 6 reportagens porém com foco nas greves dos trabalhadores das arenas e aspectos envolvendo a FIFA, seus lucros e a relação com o governo brasileiro.

Em Maio, a cobertura sobre os fatos da Copa do Mundo também é digna de destaque. Retirando-se o mês de Março, é no quinto mês do ano que se encontra a maior

quantidade de reportagens focando a Copa do Mundo. No mês, a *Folha* apresenta a maior quantidade de informações sobre os estádio. A motivação é a rotina de inspeções feita pelo Ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, e as incertezas que envolviam a finalização das obras das Arenas. Maio amrca também o início do Campeonato brasileiro, o que justifica a quantidade de notícias no mês dentro do caderno de esportes. Este é o mês com o segundo maior número de notícias em suas páginas.

O meses de Julho e Agosto mercem destaque pelo seu aspecto negativo. Devido à realização dos Jogos Olímpicos em Londres, o foco dos cadernos de esporte se modifica. Inicia-se a realização de suplementos especiais com os resultados, horários e fatos das Olimpíadas. O destaque dedicado ao evento implica na atenção de mais membros da redação nas notícias vindas do Reino Unido. Junto com a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos são os acontecimentos (programados, obviamente) mais marcantes do universo esportivo. As duas competições atraem o olhar e a audiência de milhões de pessoas no planeta que esperam da mídia a rapidez e fluência de informações que marca sua atuação em nosso tempo. Diante do olhar atento da imprensa, a publicação de fatos da Copa do Mundo de 2014 reduz conforme os fatos olímpicos vêm à tona. Com o foco midiático longe do Brasil, o número de notícias na Folha e no Estado caem.

Nestes dois meses, a *Folha de S.Paulo* mantém o assunto Copa mais vivo em suas páginas do que o *Estadão*. Os Jogos Olímpicos só começaram no vigésimo sétimo dia do mês de Julho, durante este período, a *Folha de São Paulo* veiculou apenas seis notícias sobre a Copa do Mundo, sendo metade delas referentes aos Estádios do Mundial, destas três, uma noticiava fatos do Itaquerão. *O Estado de S.Paulo*, também aborda o torneio de futebol em seis oportunidades durante Julho, sendo duas reportagens com foco nas Arenas, porém nenhuma delas aborda a Arena Corinthians. Em Agosto, o novo estádio paulistano também não entra na pauta do *Estadão*, que realiza três matérias sobre as construções dos novos complexos esportivos num total de 12 matérias sobre assuntos referentes à Copa. A *Folha* mais uma vez apresenta conteúdo mais consistente. No oitavo mês do ano, são dezenove reportagens sobre o Mundial de 2014, sendo nove com foco nas Arenas e um terço delas abordam fatos do Itaquerão.

É importante destacar a atuação da Folha neste bimestre, uma vez que a publicação teve maior sensibilidade na reflexão sobre o que é importante de ser

veiculado em seu caderno de esportes. Apesar da redução de conteúdo do encarte esportivo, a atenção para o importante evento de 2014 e sua organização não desapareceu, apesar da redução substancial. *O Estado de S.Paulo*, que até Julho noticiou a Copa com mais notícias do que seu concorrente, parece esquecer do Brasil enquanto mira seus holofotes para Londres. Este dado é alarmante, principalmente pelo fato de que, com os Jogos Olímpicos, a cobertura e quantidade de matérias no caderno de esportes do periódico não diminui.

Em Julho e Agosto, o *Estadão* emite 596 e 511 reportagens em seu encarte esportivo respectivamente. Julho é vice-líder em quantidade de matérias no ano, atrás apenas de Março. Agosto, por sua vez, é o mês com a menor quantidade de reportagens no total. Ao dizermos isto, poderíamos pensar que esta é a explicação para a quantidade reduzida de textos sobre a Copa, mas ao compararmos o tamanho da cobertura do jornal com o seu concorrente, vemos que há de fato uma diminuição no interesse em veicular informações do torneio internacional. Nos mesmos dois meses, a *Folha de São Paulo* produziu 504 notícias em Julho e apenas 285 em Agosto. Mesmo com tamanha diferença, a publicação do Grupo Folha emite mais conteúdo referente ao Mundial, provando maior atenção ao que acontece em nosso país.

Após a fraca cobertura durante os Jogos Olímpicos, *O Estado de S.Paulo* realiza em Setembro uma triagem e seleção de fatos sobre o Mundial que supera a concorrência. Após apenas 12 textos sobre o torneio, a publicação estampa 31 notícias, quase o dobro de seu concorrente, que publicou 16 reportagens no mesmo período. A partir do dia 16 de Setembro, sempre aos domingos, a publicação inicia uma série de reportagens sobre os estádios que receberão o Mundial e a Copa das Confederações que dura até o dia 2 de dezembro. Os textos são acompanhados de ilustrações dos estádios e explicações detalhadas sobre características arquitetônicas da obra, distância entre campo e torcida e tantos outros detalhes referentes às arenas. Junto com as informações consideradas superficiais há dados interessantes sobre o andamento, os gastos e a comparação com outras obras.

Após cobertura de qualidade superior que obteve sucesso ao manter o foco na construção da Copa do Mundo no Brasil enquanto noticiava os acontecimentos dos Jogos Olímpicos em Londres, a *Folha de S.Paulo* informou seus leitores apenas uma vez sobre a construção das arenas no dia 26 de Setembro, data em que o Comitê

Organizador entregou à FIFA um balanço sobre a construção dos estádios e comentou sobre a situação das obras no Recife. A cidade foi confirmada como sede da Copa das Confederações de 2013 e deverá ter obras ocorrendo em torno do estádio durante a realização do torneio preparatório para o Mundial. Em mais um mês, um dos jornais mais respeitados de São Paulo deixa seus leitores paulistas carentes de informação sobre o estádio de sua cidade.

Devido à série sobre os estádios e à mais empenho na busca de informações sobre as arenas, *O Estado de S.Paulo* apresenta em Outubro mais notícias que a *Folha*. A situação de informações sobre o Itaquerão se inverte, a publicação do Grupo Estado não emite nada sobre as obras em Itaquera enquanto seu concorrente noticia o fato duas vezes no mês. É interessante observar que não há continuidade no fluxo de informações sobre os estádios, seja o do Corinthians ou outro qualquer. Em Novembro, após passar um mês sem noticiar nada sobre o Itaquerão, *O Estado de S.Paulo* bate seu recorde de abrangência sobre o assunto: seis textos. A cobertura não noticia uma sequencia de fatos sobre o mesmo assunto, a cada matéria o assunto é diferente. Um dos pouco assuntos que são noticiados em sequência é a liberação do empréstimo do BNDES à Odebrecht para dar continuidade à obra e a medida judicial que resultou em um imbróglio na transferência da verba. Junto com as notícias sobre a Arena Corinthians são publicadas ao todo 20 notícias sobre estádios no *Estadão* em Novembro, mais que o dobro de seu concorrente no mesmo período. No último mês do ano, todos os números das duas publicações caem. *O Estado de S.Paulo* publica quinze notícias sobre a Copa, nove sobre estádios e duas sobre a Arena Corinthians. A *Folha de S.Paulo* são onze fatos referentes ao Mundial, oito exclusivamente falam sobre os estádios, nenhuma aborda a Arena Corinthians.

Para finalizar esta retrospectiva sobre os resultados obtidos no ano passado, seria interessante destacar o primeiro acontecimento importante nos bastidores do esporte nacional no ano de 2012. A queda do Presidente da CBF, Ricardo Teixeira ocorreu conforme novas informações sobre as relações que mantia com investidores. Este acontecimento é indiretamente relacionado à Copa. A troca do comando da entidade não foi considerado dentro dos número de reportagens, uma vez que independente do acontecimento do evento. A troca acontece após a descoberta de escândalos envolvendo a realização de amistosos e o recebimento de verba de empresas estrangeiras. Basta uma breve lida nas reportagens produzidas pela *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*

para que se observe a oposição realizada pelas publicações em relação ao presidente da Confederação Brasileira de Futebol. O formato como as críticas são apresentadas expõe a posição dos jornais em relação ao dirigente. A cobertura dos veículos não é representada pelo que afirma Roberto Ramos (1985, p.68). Segundo o autor, “o jornalista espalha uma visão conformista e cúmplice diante da realidade. (...) Deseja o imobilismo das massas para preservar os privilégios da classe dominante.”. A posição dos periódicos também não se encaixa na teoria do espelho- teoria esta que afirma que a notícia deve funcionar como um reflexo dos acontecimentos, apresentando no texto exatamente os fatos como eles são apresentados- descrita por Nelson Traquina (2004). Historicamente, a *Folha* e o *Estadão* é um jornal produzido para um público alvo que consiste na elite do país. Mesmo diante de tal realidade de seus *pathos*, esforços não são poupados para criticar a elite da administração esportiva, personificada em Ricardo Teixeira e seus assessores, em outras palavras, há a incitação da discussão entre as elites.

Existe a reprova dos jornais quanto à administração do futebol no Brasil, contudo, muitas reportagens apresentam críticas, mas não abrem espaço para que haja a defesa dos criticados. A falta da perspectiva daqueles que foram citados negativamente torna o texto tendencioso, em outras palavras, não há a apuração total das vozes envolvidas, o que gera a falta de conhecimento sobre certas verdades que só podem ser apresentados pelos envolvidos nas críticas, desta forma, prova-se que houve uma escolha sobre os fatos a serem publicados ou não. Rothberg (2007, p.6) afirma que não se trata somente em ouvir os diversos lados de uma história. Devem-se apurar todas as perspectivas possíveis que sejam importantes para a construção da notícia, independente da opinião pessoal do repórter ou do veículo.

6.3 A ARENA CORINTHIANS NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Conforme provam os números e as porcentagens obtidas durante a pesquisa nas páginas dos cadernos de esportes dos periódicos, a cobertura referente aos fatos da Arena Corinthians não é extensa. Ao contrário do que se possa pensar, o fato do Corinthians ser o clube mais popular do estado de São Paulo e uma das agremiações mais enfocadas pela mídia nos últimos tempos não influenciou diretamente para uma cobertura completa das informações que orbitam a construção de um dos sonhos dos

corinthianos. A Arena Corinthians, ou Itaquerão, é a realização do clube que em seus 103 anos de história nunca teve um estádio definitivamente proporcional à sua grandeza esportiva. Iniciada em 30 de Maio de 2011, a Construção do estádio da zona leste de São Paulo tem conclusão prevista para Dezembro de 2013, mas o clube provavelmente só irá receber o direito de mandar seus jogos no campo após a Copa de 2014.

Durante o ano de 2012, a *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* realizaram a cobertura de diversos assuntos referentes aos trâmites que envolveram o desenrolar da construção e da administração do estádio. A divulgação dos fatos pode ser dividida em quatro temas básicos: as obras que envolvem a construção dos estádios, as questões administrativas envolvendo o Corinthians e os acordos políticos e comerciais envolvendo a Arena, o episódio da liminar que impede a liberação do empréstimo do BNDES à construtora Odebrecht para a construção do Itaquerão e a instalação das arquibancadas móveis. Observando os números previamente analisados, veremos que a *Folha*, com 16 matérias no ano, dedicou na média 4 textos para cada fato enquanto o *Estadão* realizou aproximadamente 7 reportagens para cada um dos temas. Certamente que esta não é a divisão correta dos temas, é apenas uma média para se ter noção do tamanho da cobertura que os 4 temas principais receberiam caso todas as reportagens veiculadas sobre o estádio de Itaquera se encaixassem nos grupos propostos. Há reportagens de pouca serventia para elucidar temas fulcrais da construção do Mundial de 2014. Notícias superficiais que apenas envolvem a arena em um ou outro fato também foram encontradas nos cadernos de esportes. Como exemplo deste tipo de material, temos reportagens na *Folha* sobre a promessa de Tite de colocar alguns tijolos no estádio caso o Corinthians fosse campeão da Libertadores. No *Estadão*, a cobertura supérflua também pode ser constatada.

Em muitos textos selecionados há poucas explicações sobre trâmites importantes da realização da Copa. Diversas vezes, os jornais retomam acontecimentos passados para explicar algumas situações, porém com esta atitude exigem conhecimento prévio do leitor, o que não é uma regra já que é o dever do jornalismo explicar os fatos aos leitores. É notável a quantidade de notícias que em seus últimos parágrafos mudam de tema e realizam uma pequena nota sobre outro acontecimento. Esta prática é prejudicial pois ao tentar informar seus leitores sobre dois fatos no mesmo texto, o veículo realiza informações incompletas sobre os dois assuntos. Este tipo de parágrafo final é mais frequente em informações sobre as obras da Copa.

A cobertura do episódio da suspensão do empréstimo do BNDES à Odebrecht apresenta suas peculiaridades na cobertura. Em diversas reportagens é possível observar que as informações provenientes dos órgãos da Justiça (Ministério Público Estadual) e seus representantes são mais facilmente obtidas do que as que dependem dos outros envolvidos no caso. O Banco do Brasil, responsável pela liberação do dinheiro, e a Odebrecht não se manifestam sobre o caso, o que gera uma perspectiva negativa sobre a atuação destes órgãos diante da quantidade de dinheiro envolvido na transação. O motivo principal dado pelo promotor responsável pela limiar de suspensão do empréstimo é a falta de garantias vindas da Odebrecht. Diante deste fato, ao se noticiar somente esta informação e não obter fontes da construtora pode gerar a impressão de que existe um culpado no caso. Este reflexo é definido Soares (2006) como “enquadramento de responsabilidade”, que nada mais é do que atribuir a responsabilidade de um problema a um indivíduo ou grupo de pessoas. No caso estudado nesta pesquisa, a responsabilidade dos “problemas” gerados pela limiar é atribuída à Odebrecht devido à falta de garantias. O veredicto real do caso pode ser bem diferente do apresentado no jornal, contudo, a falta de explicações mais precisas vindas da construtora resultam em uma perspectiva que tende a ver a empresa como única responsável pelos acontecimentos.

Devido ao fato de que na Justiça brasileira nada se resolve de imediato, as informações sobre o empréstimo são espalhadas ao longo do ano, o que justifica a necessidade das reportagens que envolvem o fato realizarem um forma de “resumo” dos fatos antes de informar as novas descobertas. Este processo auxilia na obtenção de profundidade no tema ao mesmo tempo que aumenta consideravelmente a possibilidade de o leitor se informar de modo adequado sobre os acontecimentos.

Na reportagens sobre os trâmites comerciais e administrativos envolvendo o Corinthians e o uso do Itaquerão, o foco é em muitas vezes a busca do clube para parceiros que estejam dispostos a cambiar serviços e produtos com a publicidade que a arena pode oferecer. Muitos textos abordam contratos e valores que o time pretende obter através de parcerias com grupos econômicos dispostos a investir no estádio. Diante do fato de que a Arena Corinthians terá parte de seu custo bancados pelos cofres públicos, faz-se pertinente descobrir se estes acordos terão parte de seus fundos destinados à União. Uma das dúvidas que permeiam a construção do estádio é como será feito o retorno de investimentos, em outras palavras, como o Corinthians pretende

arrecadar dinheiro para pagar investimentos públicos. Esta questão também atiga a curiosidade para outro fato: realmente existirá um pagamento aos cofres públicos?

De todos os assuntos envolvendo o Itaquerão, o que mais chama a atenção pelo relaxamento crítico dos jornais é o caso das arquibancadas móveis da arena. A instalação dos assentos não havia sido incluída no orçamento inicial da obra, que resultou nos pedidos de empréstimo ao BNDES e outras insituições financeiras. Esta instalação foi pedido da FIFA pois o projeto final da Arena Corinthians não atendia à demanda de assentos requisitados pela Federação de futebol para receber a abertura da Copa do Mundo de 2014. Diante deste fato, um orçamento de 70 milhões de reais foi feito. Discutiu-se quem iria arcar com os custos, uma vez que a Odebrecht não se envolveu no caso. O Governo Estadual se prontificou a pagar, mas devido à protestos, o custo não foi bancado pelo Estado. Ao final do impasse, e a um custo de 35 milhões de reais, a Ambev assumiu o preço da instalação. Os dois periódicos sequer se aprofundaram no fato de que o orçamento previsto foi o dobro do preço real. Este tipo de descoberta desperta a curiosidade de leitores mais exigentes que se perguntam se o comportamento desta pesquisa de preço não se repete (e em muitas vezes é pago) em outras obras que envolvem a Copa e a utilização de dinheiro público. Em relação às manifestações contrárias à atitude do governo de São Paulo, que se prontificou à pagra pelas arquibancadas, O *Estadão* se reduziu a comentar o fato como protestos da opinião pública. Nenhuma das duas publicações emitiu sequer uma nota contendo informações sobre protestos vindos da população, ou seja, se eles realmente existiram, só foram apresentadas por uma pequena porção de palavras. Seus ideias e opiniões foram excluídos da perspectiva sobre os fatos.

São os protestos os fatos que compõe o grupo de notícia mais curto e curioso desta cobertura. Durante todo o ano de 2012, não foram divulgadas posições contrárias à construção do estádio ou à realização da Copa no Brasil. Para os leitores assíduos dos jornais diários, é possível perceber que a cobertura crítica realizada sobre episódios que envolviam Ricardo Teixeira é muito mais consistente do que as críticas realizadas sobre um de seus frutos, a Copa de 2014. O único fato de protesto apresentado que envolve a Arena Corinthians não vem diretamente da perspectiva dos jornais sobre o Mundial, mas sim de um episódio pontual ocorrido em Abril quando um grupo de sem-teto invadiu o canteiro de obras do Itaquerão. Ambas as publicações se resumem a apresentar o fato, abordando quanto tempo houve de paralisação nas obras enquanto

excluía explicações sobre o por quê do acontecimento. A *Folha* informa seus leitores de que as fontes não quiseram expor seus depoimentos, já *O Estado de S.Paulo* não informa nada sobre os protagonistas do ato. A falta da perspectiva dos manifestantes pode ter sido opção dos mesmo, mas a divulgação de seus objetivos não depende exclusivamente de ouvi-los falar. Um breve pesquisa ou a obtenção de relatos das testemunhas já consistiria em um esforço para obter as informações.

A falta da perspectiva daqueles que foram citados torna o texto tendencioso, em outras palavras, não há a apuração total das vozes envolvidas, o que gera desconhecimento sobre certas verdades que só podem ser apresentados pelos envolvidos nas críticas, desta forma, prova-se que houve uma escolha sobre os fatos a serem publicados ou não. Rothberg (2007, p.6) afirma que não se trata somente em ouvir os diversos lados de uma história. Devem-se apurar todas as perspectivas possíveis que sejam importantes para a construção da notícia, independente da opinião pessoal do repórter ou do veículo.

Obviamente que este se trata de um caso pontual, mas diante deste fato deve-se lembrar que a crítica incessante por parte da publicação diante de um certo tema resulta em menor pluralidade nas fontes. Segundo a definição de Rothberg (2007, p.5), as reportagens que se esmeram em criticar a demais os envolvidos se encaixam naquilo que é chamado de “enquadramento de conflito”, no qual há a criação de oposições dentro do recorte dos fatos.

(...) o jornalismo diário vai sendo construído com base não no que deve ser de fato apreciado por um cidadão de uma democracia madura, mas sim naquilo que os políticos supostamente estariam tentando esconder de sujeitos que, se não fosse a astúcia de jornalistas sempre dispostos a revelar as verdades sob a mesa, seriam inevitavelmente engabelados.

A síntese que se retira deste estudo é que as reportagens produzidas pelos dois maiores jornais do estado de São Paulo não suprem de forma desejável a necessidade de notícias que envolvem a construção do estádio corintiano. Com longos hiatos de informação, muitos acontecimentos são ignorados das páginas dos jornais e muitas vezes aqueles que adentram nos cadernos de esportes não têm a importância necessária para estamparem as páginas que deveriam ser dedicadas às informações da política

esportiva no Brasil. Notícias sobre fatos políticos do esporte merecem atenção e profundidade dedicadas pois são questões que fazem parte da realidade de nosso país principalmente devido à realização dos dois maiores eventos esportivos do planeta. É de se espantar que não haja fiscalização e busca aprofundada de verdade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitas as análises das coberturas realizadas pelos cadernos de esportes da *Folha de S.Paulo* e do *Estado de S.Paulo* em 2012, juntamente com a análise do enquadramento e das informações referentes à Arena Corinthians, pode-se retirar algumas conclusões sobre a situação. O primeiro veredicto que pode ser dado é de as competições esportivas, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, não seriam realizadas sem a intervenção da política.

Desde a administração da FIFA até a realização da Copa do Mundo, fica clara a necessidade de se realizar alianças administrativas e abordar o esporte como um assunto que ultrapassa a concepção simples de que o esporte é uma atividade física ou um jogo entre equipes. As influências do mercado e da política transformam o esporte em um material responsável pela criação de grandes eventos com lucros certos, porém, para que o evento saia dos planos é preciso mover enormes quantidades de dinheiro e pessoas, algo que só é possível se houver a garantia vinda do Estado. A Copa do Mundo necessita de um país com estrutura social e econômica que deve atingir padrões requisitados pela FIFA para que a nação tenha a oportunidade de ser sede do evento. As transformações trazidas por este tipo de acontecimento não ficam restritas ao ambiente esportivo. Elas ultrapassam as fronteiras do esporte e influenciam a sociedade criando empregos, alterando a infraestrutura e movimento verbas.

Estas mudanças provam o quão importante é o papel da administração política de um país na realização do torneio. Vem do Governo as garantias financeiras para a recepção do evento e para eventuais obras tais como construção de arenas, melhorias na mobilidade e na infraestrutura urbana. A nação tem o dever de abrigar os milhares de turistas e os milhões de investimento que chegam junto com o Mundial. Concomitantemente neste estes acontecimentos devem gerar melhorias para os

habitantes do país. O governo deve pensar também, e principalmente, em seu povo no momento de se candidatar à sede deste tipo de evento.

Mediante esta realidade, a atuação da imprensa deve ser dedicada. Cabe ao mundo das comunicações a dedicação necessária para que a verdade seja buscada a todo custo, ainda mais quando o assunto for a fiscalização do uso do dinheiro público. O jornalismo não deve apenas espelhar a visão oficial dos fatos. Deve procurar informações além do óbvio, pois, não é nenhum segredo que o Brasil é um país marcado pela corrupção em sua história política, o que faz com que a função de fiscal da administração seja um dos papéis mais exigidos da comunidade jornalística.

Apesar de ser visível a relação entre o esporte e a política, diversos veículos midiáticos ao produzirem seus noticiários esportivos freiam a conexão entre os dois mundos, preferindo explorar a face mais lúdica do esporte, provando que, mesmo com o poder de transmissão que grandes corporações detém, o que permite levar à quase todo o território nacional notícias e atualidades, a abrangência não é utilizada para levantar questões de cunho administrativo e político que são essenciais para a realização da Copa do Mundo.

Ao nos depararmos com os números de notícias que estampam as páginas dos caderno de esportes da *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* se imagina que todas as informações necessárias para se atualizar sobre o universo esportivo estão contidas nos periódicos. A realidade contudo é bem diferente, a cobertura do jornalismo impresso paulista dedica muito mais tempo às informações lúdicas, tais como resultados, tabelas e relatos do cotidiano dos clubes e jogadores, do que aos fatos político administrativos do esporte brasileiro. Faltando pouco menos de dois anos para a Copa do Mundo, as informações sobre o evento representaram uma pequena porcentagem da dedicação jornalística dos periódicos. Esmiuçando um pouco mais estes valores, veremos que as obras mais caras, os estádios, recebem pouca atenção da mídia. Não há profundo interesse em noticiar os bastidores das obras. Nem os estádios, assim como as reformas no planejamento de mobilidade e infraestrutura são divulgadas.

Esta falta de fiscalização permite que muito atos sejam feitos sem que a população tome conhecimento e o que preocupa ainda mais é que em muitos casos, existe dinheiro público envolvido no que acontece nos bastidores do esporte nacional. Mesmo com o poder de transmissão que grandes corporações detém, o que permite

levar à quase todo o território nacional notícias e atualidades, a abrangência não é utilizada para levantar questões sobre os gastos ou sobre outros detalhes dos eventos, pois o conteúdo sobre a política é reduzido em detrimento da preferência por noticiar o fato esportivo e seus resultados, algo muito mais simples de ser feito. É possível realizar a separação entre os âmbitos administrativo e lúdico do esporte, principalmente nos momentos em que os resultados esportivos são o destaque, porém, “esquecer” os temas administrativos prova que boa parte da mídia não compreende a importância destes assuntos.

Tratando-se da realização do Mundial de futebol, é complicado fazer a separação destes temas sem que as informações não sejam prejudicadas por essa dissociação entre os assuntos, uma vez que a importância da política é imensa, sendo ela a responsável direta pela realização das competições no país. Cabe à mídia tomar conhecimento de tal fato e, a partir disto, realizar a cobertura dos fatos em uma amplitude que relacione ambos. A posição dos veículos quanto a realização da Copa do Mundo no Brasil também não fica clara pois não se pode concluir que há críticas tampouco elogios ao que é realizado aqui.

O esporte nacional deve ser encarado fora do paradigma de que é apenas um lazer ou atividade física. A prática esportiva é orbitada pela política e a explicação de como se dá essa relação é um direito da população. É através desta perspectiva que o jornalismo impresso deveria montar a sua cobertura esportiva. Com o avanço tecnológico, os jornais agora servem mais como um complemento das informações transmitidas com rapidez na internet. Se continuar com a cobertura superficial que não contribui com mais conhecimento aprofundado do que as informações encontradas na rede, o jornalismo impresso perde boa parte de sua função. Tendo em vista a superficialidade e escassez de notícias referentes à construção da Copa do Mundo, conclui-se que a internet pode superar o jornalismo impresso no que se diz respeito à quantidade de informações sobre o Mundial. Até mesmo nos endereços eletrônicos da *Folha* e do *Estadão* é possível obter conteúdo mais completo e informações excedentes sobre a construção do Mundial de 2014.

Analisando somente os números, vemos que a premissa de que a *Folha* é mais comprometida com as informações sobre a política administrativa do esporte brasileiro não é verdadeira. Além de apresentar um caderno de esportes frequentemente menor

que seu concorrente, a quantidade de notícias obtidas através do jornal é proporcionalmente menor que a do *Estadão*. Mês a mês, a *Folha* emitiu menos informações e dedicou menores espaços para a publicação da política esportiva. Apesar da “vitória” sobre seu concorrente, *O Estado de S.Paulo* não ofereceu maiores recursos para a realização de uma cobertura mais abrangente. O fato de ser consistido por um cadernos de esportes mais completo não coloca o *Estadão* em um patamar de excelência na cobertura político/administrativa do esporte. As porcentagens dedicadas continuam igualmente inexpressivas e a pesquisa nas páginas da publicação provam que resultados de campeonatos europeus de futebol normalmente obtém mais espaços que as notícias sobre a Copa do Mundo. A frequência de uma notícia a cada dois dias, que foi obtida por ambas as publicações, não traduz compromisso com a verdade e a transmissão dos fatos da Copa.

Em relação à Arena Corinthians, é possível perceber que a cobertura realizada pelos periódicos é acrítica. Não há a manifestação implícita da opinião do jornal em relação ao tema. Poucos fatos foram apresentados aos leitores e muitas informações são abordadas de forma superficial, criando problemas como falta de compreensão e profundidade nos assuntos noticiados. Quando gastos, medidas judiciais e manobras políticas foram assuntos, em muitas vezes a cobertura pecou em noticiar os acontecimentos sem transmitir ao leitor a diversidade de perspectivas.

Por fim, concluímos que ambos os jornais, apesar de se preocuparem e noticiarem fatos do ambiente político do esporte nacional, ainda recorrem às notícias do âmbito lúdico da prática esportiva para sustentar seus cadernos. Os resultados, tabelas de campeonatos e resumos de jogos compõem a maioria dos espaços nas páginas das publicações. A quantidade de material referente à construção da Copa é muito reduzido, o que faz com que o jornal impresso não seja a melhor fonte de informação sobre a construção do Mundial do Brasil. A rapidez e pluralidade da internet suprimem a eficiência do jornalismo impresso, que no caso da Copa do Mundo, em especial da Arena Corinthians, realizam coberturas episódicas e não frequente dos temas. A premissa feita no início da pesquisa também não se sustenta. Crer que a *Folha de S.Paulo* é um jornal mais envolvido nas notícias políticas do esporte do que seu concorrente não é uma verdade, principalmente diante do fato de que a cobertura realizada pelo *O Estado de S.Paulo* é superior em quantidade de matérias específicas referentes à Copa do Mundo de 2014.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSINHO. Democracia Justiça e Paz. In: COSTA, M. R. (org) *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 94-96.
- BARBEIRO, H. e RANGEL, P. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*; Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão- seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos*; Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997
- BUENO, W. C. Um chute no saco In: RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984. p.36.
- CARVALHO, S. S. Aspectos psicossociais do esporte. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 78- 86.
- CORRÊA, L. H. Racismo no futebol brasileiro. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 31-39.
- COUTINHO, E. Bola e Ficção: No calcanhar de todos os poderes. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 107-118.
- DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, P. C. R (org) *Futebol: Paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 29-44.
- DAMATTA, R. Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. (org) *Universo do Futebol- Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 19-42.
- DIEGUEZ, G. K. Corpo: Liberdade e prisão. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 96-106.
- FLORES, L. F. B. N. Na zona do agrião. Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, R. (org) *Universo do Futebol- Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 43- 57.

- FLORENZANO, J. P. Corinthians: do time do povo ao futebol empresa. In: COSTA, M. R. (org) *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 97-101.
- FREITAS, L. F. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 51-59.
- GALEANO, E. Depois do mundial futebol em pedacinhos. In: CARRANO, P. C. R (org) *Futebol: Paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 111-124
- GONÇALVES, J. E. Futebol e Poder: Algumas reflexões sobre o jogo da política. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 20-30.
- GUEDES, S. L. Subúrbio: Celeiro de craques. In: DAMATTA, R. (org) *Universo do Futebol- Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 59-74.
- HALL, S. A produção das notícias: os ‘mugging’ nos media. In: TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo Vol. I- Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004. p.170.
- LAGE, N. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1993
- LAGE, N. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.
- LEMOS, R e GUEDES, R. *A Popularização do Futebol no Rio de Janeiro durante a República Velha*. In: Revista Historiador. Nº1, ano 01, 2008.
- MELANI, R. O futebol e a razão utilitarista. In: COSTA, M. R. (org) *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 85-90.
- MIRANDA, M. *Futebol e o projeto de unidade nacional no estado novo (1937-1945)*. In: X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, 2007.
- MOULLIAUD, M. *O Jornal- Da forma ao sentido*. Brasília: Editora UnB, 2002.
- NUNES, M. R. Esporte: Instrumento de dominação pedagógica. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 69-77.
- OLIVEIRA DA SILVA, E. O esporte como filão publicitário. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 40-50.

PORTO, M. P. *Enquadramentos da Mídia e Política*. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), 2002, Salvador, 2002.

RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROTHBERG, D. *Enquadramento e metodologia de crítica de mídia*. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Aracaju, 2007.

RUFINO DOS SANTOS, J. Código, padrão e respeito. In: COSTA, M. R. (org) *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 103-111.

RUFINO DOS SANTOS, J. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SALDANHA, J. Bate Papo. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 11-19.

SEIXAS, T. *Copa do Mundo de Futebol FIFA Brasil 2014: Uma Análise da Candidatura de Pernambuco como Subsede*. Porto: 2010.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. In: *Memória social dos esportes II: futebol e política*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, Faperj, 2006, v. 2.

SILVA, G. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. In: *Estudos em jornalismo e mídia*. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOARES, M. C. Análise de Enquadramento. In: DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.

SOUSA, J. P. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

TANI, G. *A criança no esporte: Implicações da iniciação esportiva precoce* In: KREBS, R. J, COPETTI, F, ROSO, M. R, KROEFF, M. S & SOUZA P. H. (Orgs.), *Desenvolvimento infantil em contexto. Livro do Ano da Sociedade Internacional para Estudos da Criança*. Florianópolis: Editora da UDESC, p. 101-113.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo Vol. I- Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo Vol. II- A tribo jornalística- uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

UNGARO, J. Emergence du journaliste. In: TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo Vol. I- Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004. p. 162.

VIEIRA DA SILVA, A. O super-homem nas práticas esportivas. In: DIEGUEZ, G. K. (org) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 87-95.

VOGEL, A. O momento feliz- Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. (org) *Universo do Futebol- Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 75- 114.

WHITE, D.M. The “Gatekeeper”: A case study in the selection of news. In: TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo Vol. I- Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004. p.145.

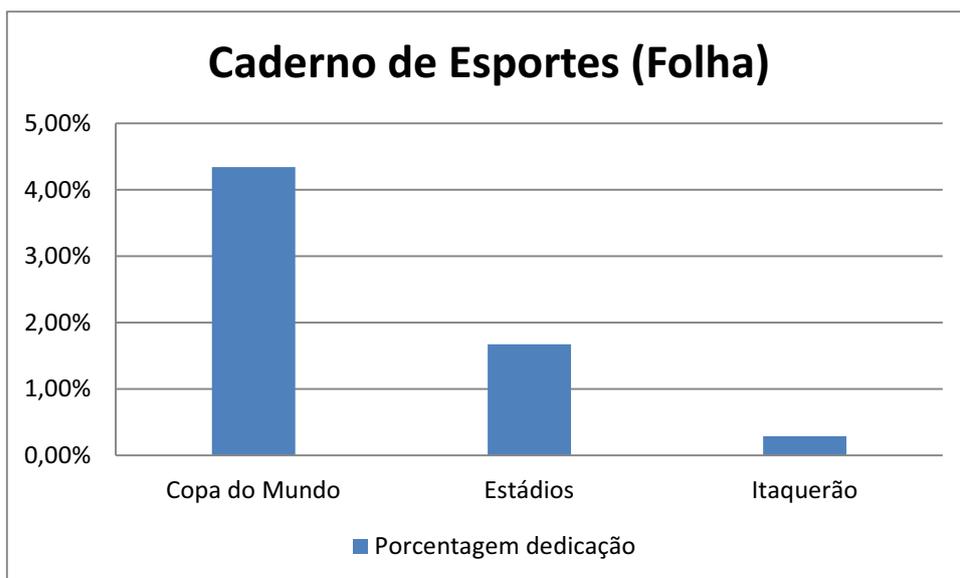
WLADIMIR. Democracia Corinthiana. In: COSTA, M. R. (org) *Futebol espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 91-93.

9. GRÁFICOS

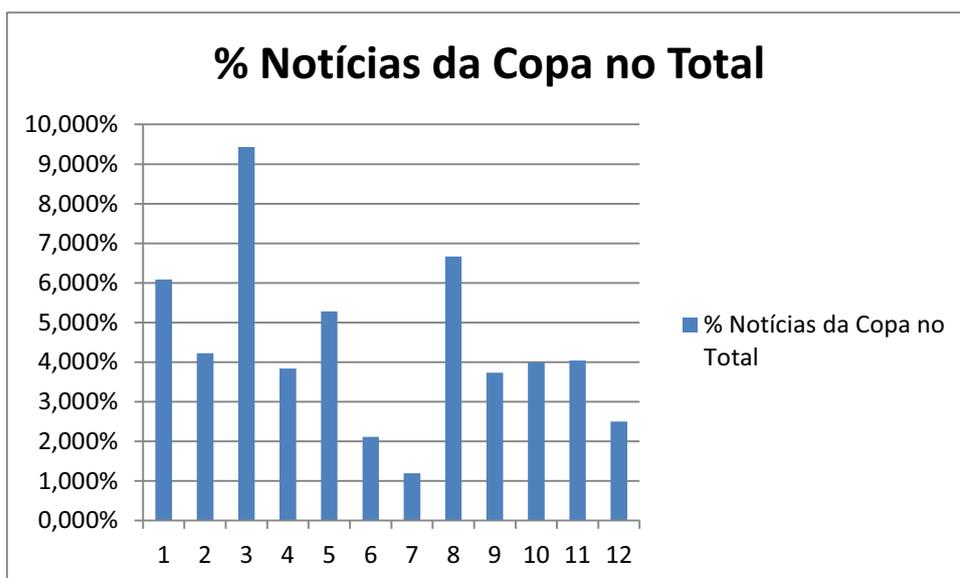
Nesta seção, apresentaremos em forma de gráficos os números obtidos na pesquisa.

9.1 FOLHA DE SÃO PAULO

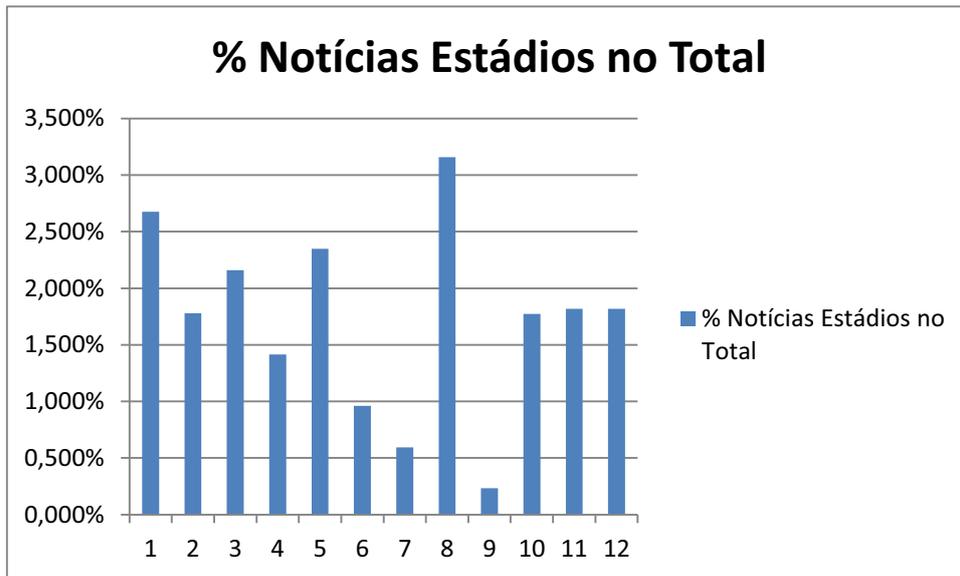
Porcentagem dedicada às notícias da Copa, Estádios e Arena Corinthians nas páginas dos cadernos de esportes durante todo o ano de 2012.



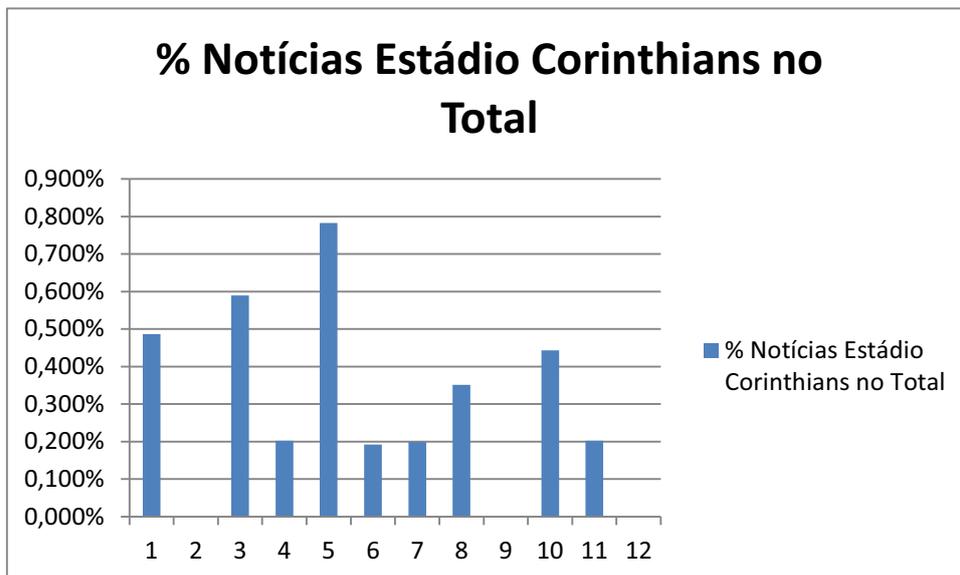
Porcentagem dedicada às notícias da Copa do Mundo no total de reportagens dos cadernos de esportes (mês a mês).



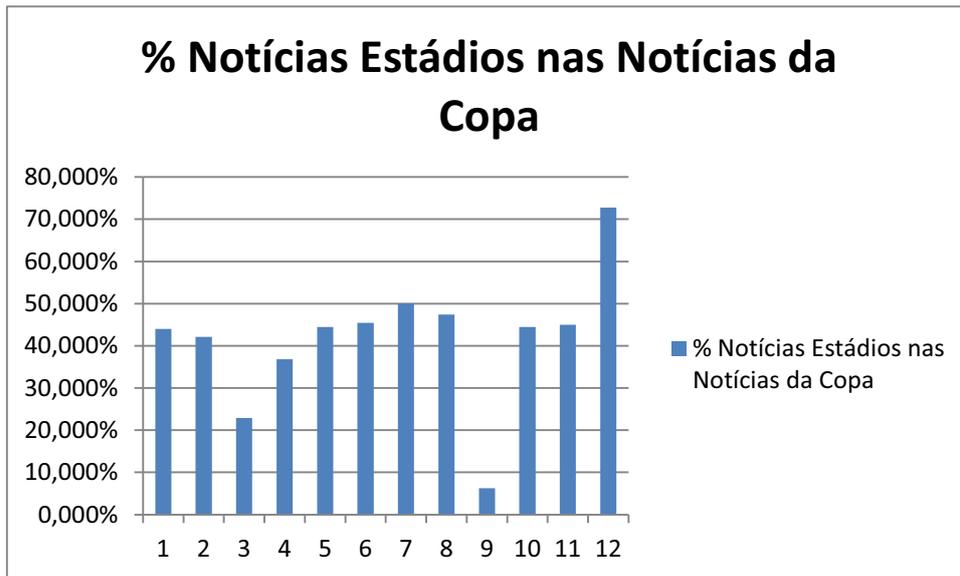
Porcentagem dedicada às notícias dos estádios no total de reportagens dos cadernos de esportes (mês a mês).



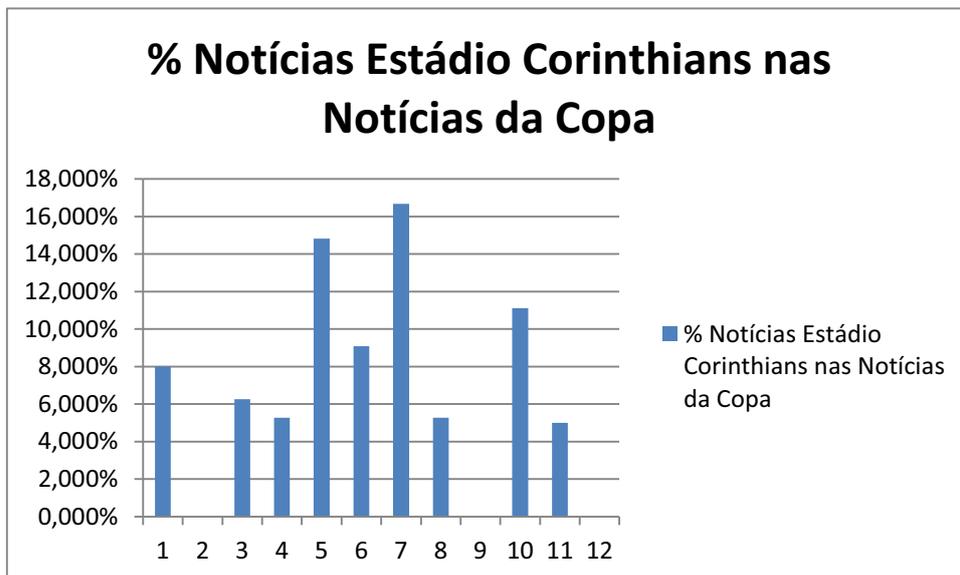
Porcentagem dedicada às notícias da Arena Corinthians no total de reportagens dos cadernos de esportes (mês a mês).



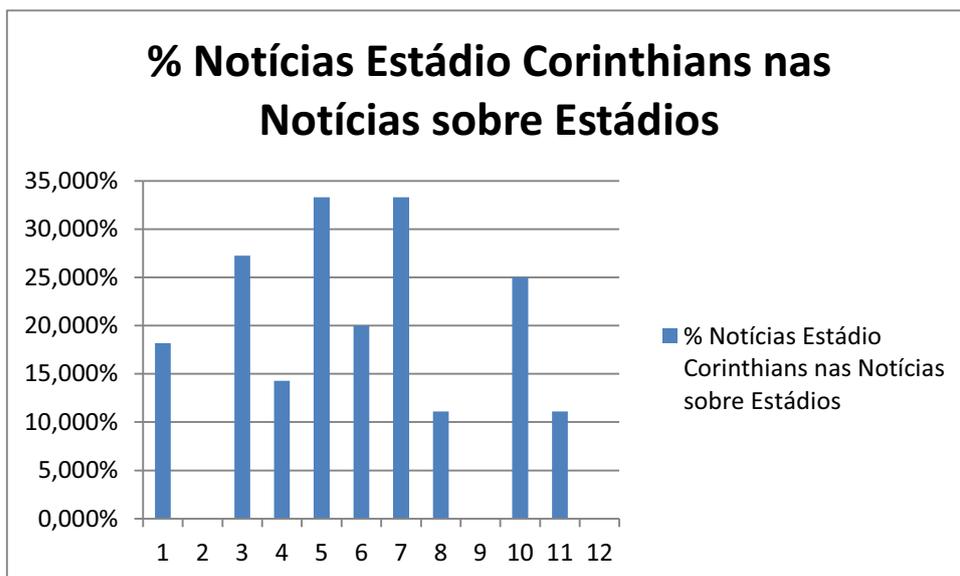
Porcentagem de notícias sobre os estádios nas reportagens sobre a Copa do Mundo (mês a mês).



Porcentagem de notícias sobre a Arena Corinthians nas reportagens sobre a Copa do Mundo (mês a mês).

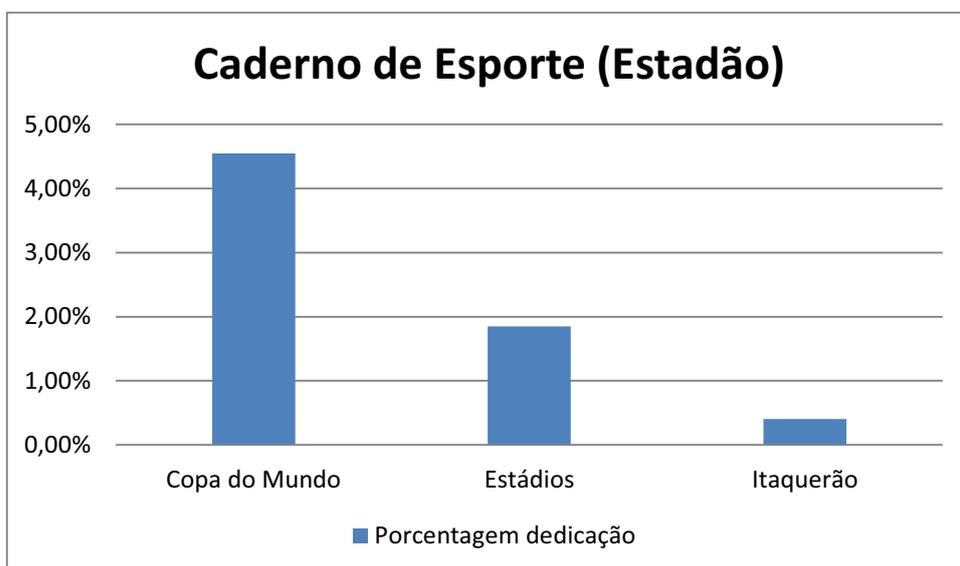


Porcentagem de notícias da Arena Corinthians nas reportagens sobre estádios (mês a mês).

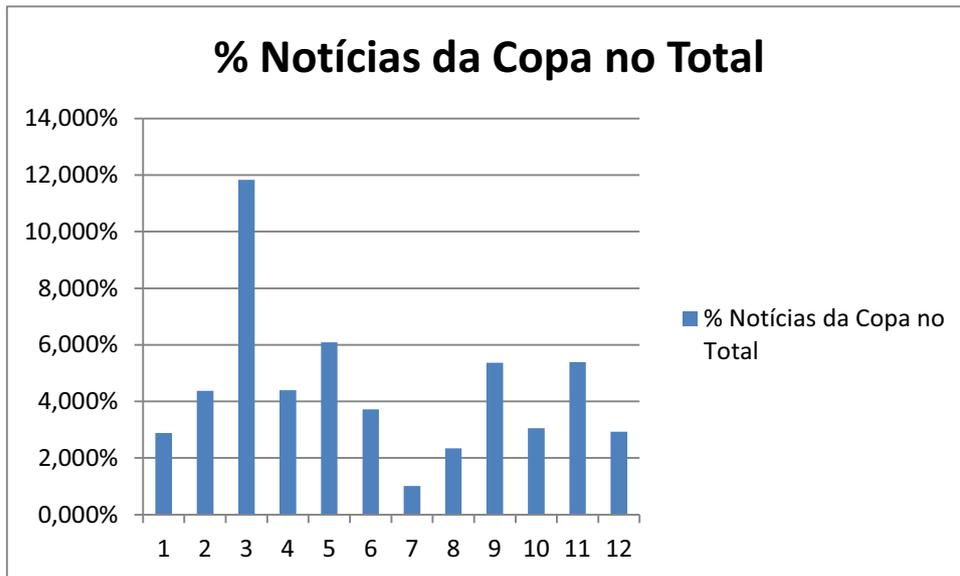


9.2 O ESTADO DE SÃO PAULO

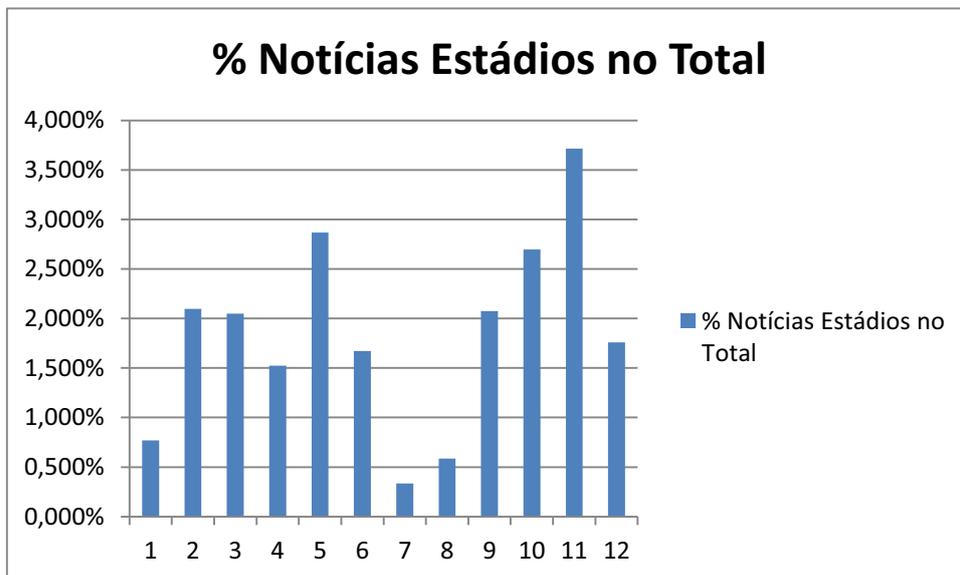
Porcentagem dedicada às notícias da Copa, Estádios e Arena Corinthians nas páginas dos cadernos de esportes durante todo o ano de 2012.



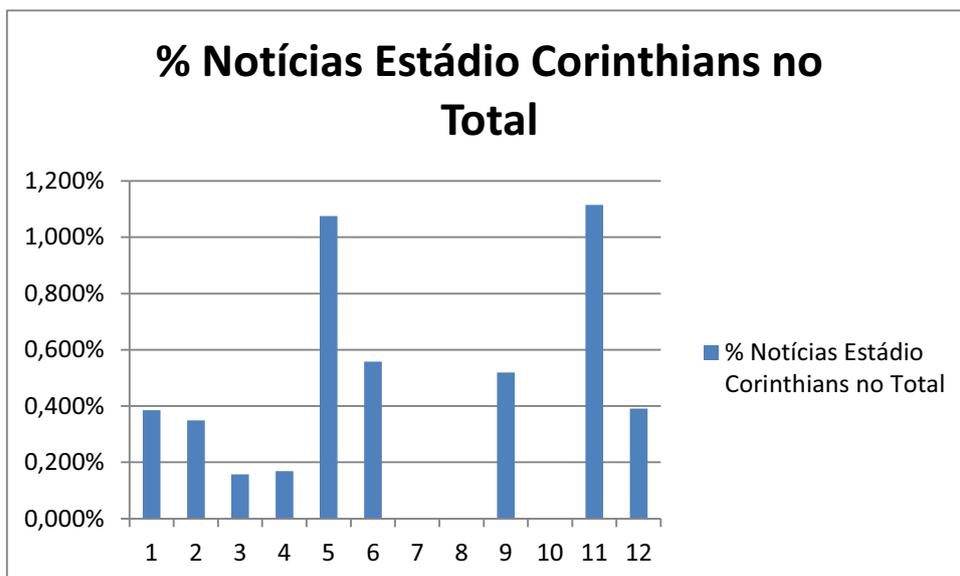
Porcentagem dedicada às notícias da Copa do Mundo no total de reportagens dos cadernos de esportes (mês a mês).



Porcentagem dedicada às notícias dos estádios no total de reportagens dos cadernos de esportes (mês a mês).



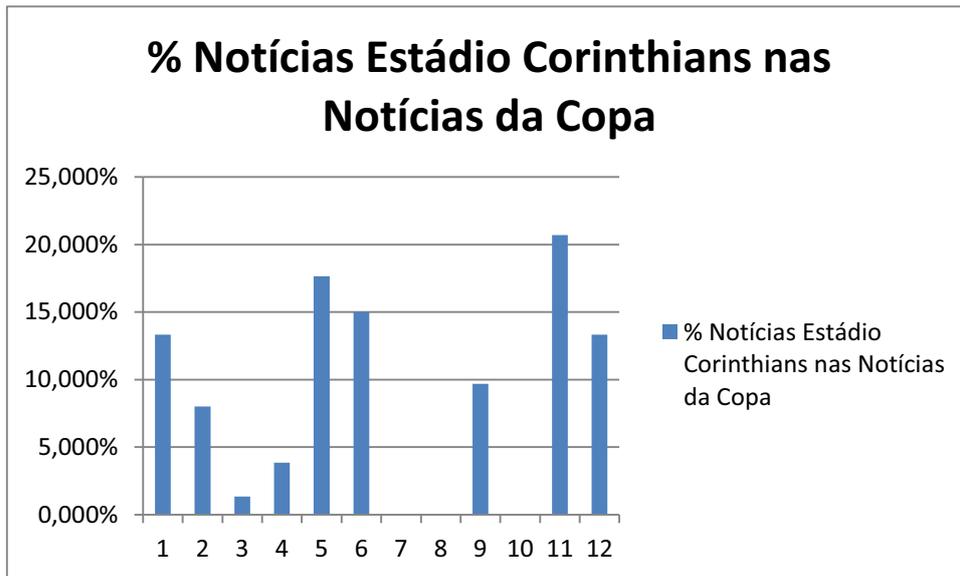
Porcentagem dedicada às notícias da Arena Corinthians no total de reportagens dos cadernos de esportes (mês a mês).



Porcentagem de notícias sobre os estádios nas reportagens sobre a Copa do Mundo (mês a mês).



Porcentagem de notícias sobre a Arena Corinthians nas reportagens sobre a Copa do Mundo (mês a mês).



Porcentagem de notícias da Arena Corinthians nas reportagens sobre estádios (mês a mês).

